

Tagmar II

Crônicas de Tagmar

Volume 2



Créditos & Licenciamento

Autores

Airton França Diniz Junior, Alan Emmanuel Oliveira dos Santos, Bruno Machado, Claudiney Martins, João Paulo M. de Castro, Lucas Amaro da Costa, Luiz Antônio Salgueiro e Rafael Pedro Barbosa Quadros

Ilustração da Capa

Sergio Artigas

Revisão

Alesso Sartorelli, Paulo Henrique Câmara e Samuel Oliveira de Azevedo

Coordenação

Marcelo Rodrigues

Publicação

Publicado pelo Projeto Tagmar 2 em 23/5/2015 e disponível para download gratuito em www.tagmar2.com.br

Licenciamento

Este material foi adaptado do livro "Tagmar – RPG de Aventura Medieval" © 1991 de autoria de Marcelo Rodrigues, Ygor Moraes Esteves da Silva, Julio Augusto Cezar Junior e Leonardo Nahoum Pache de Faria; e está licenciada de acordo as seguintes condições: Atribuição-Uso Não-Comercial-Compatilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil

Você pode:

- Copiar (por qualquer meio, incluindo fotocópias), imprimir, distribuir, exibir e executar a obra.
- Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Compatilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Este licenciamento segue um padrão obra aberta e está registrado pela seguinte licença da Creative Commons: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/> com validade legal no Brasil e por muitos outros países.

Índice

NASCE UM AVENTUREIRO	4
A JOVEM CEGA	9
LIBERDADE, AVENTURAS, TESOUROS E DISCIPLINA	15
O MEDALHÃO DE PRATA.....	23
O CÍRCULO SE FECHA.....	30
NOITE DE PRAZERES.....	36
SOBRE O SANGUE DA ARENA	39
O NECROMANTE	47
A CURA.....	52
O ORÁCULO DE PLANDIS.....	58

Nasce um Aventureiro

por Luiz Antonio Salgueiro

Piotre era pescador, assim como seu pai. Natural de Calco, vivia no vilarejo de Barn, às margens do Frefo, o grande rio que serve de fronteira oeste com Plana, e onde desenvolvem suas atividades. Apesar da pouca renda, Piotre conseguia escrever seu nome e ler as palavras com certa dificuldade – um fato não tão incomum em Calco. Apesar da atividade familiar, Piotre não estava feliz. Ele queria conhecer o mundo, como a maioria dos jovens, mas não tinha coragem de abandonar seus pais, especialmente sua mãe doente.

Entretanto, logo após seu 17º aniversário, Piotre surpreendeu-se quando ia, pela manhã, até o barco com seu pai para mais um dia de trabalho. Enquanto se preparavam para zarpar, como se fosse a coisa mais natural do mundo, seu pai lhe disse:

- Piotre, eu e sua mãe achamos que já está na hora de você viajar até Saravossa e visitar a Grande Biblioteca.

Aquele foi um grande dia para Piotre. A Grande Biblioteca, dizem, concentra todo o conhecimento do mundo conhecido, e muito mais... ela se localiza em Saravossa, a capital de Calco. E Piotre nunca estivera numa grande cidade.

Dias depois, após excitação crescente, Piotre estava pronto para partir. Sua mãe lhe preparara um farnel com peixe seco, pão e uma botija de vinho. Seu pai lhe deu 7 moedas de prata e 5 de cobre, produto de mais de um mês de trabalho. Então ele finalmente se preparou para a longa viagem.

Arrumou sua muda de roupa na pequena bolsa que levava a tiracolo, onde levava também sua pederneira, colocou no cinto seu punhal e o pequeno gládio usado que seu pai lhe dera para a viagem. Despediu-se de sua vida e, em passos largos, abandonou a vila que chamava de lar.

Seus pais não sabiam, mas Piotre não pretendia retornar. Aquilo era um adeus definitivo e, de costas para eles, Piotre chorou enquanto caminhava rumo à sua nova vida.

No segundo dia de caminhada, já deixara para trás o caminho que levava à Floresta de Aberdin, onde viviam os meio-elfos e era intensa a movimentação. Piotre preferira seguir a pequena trilha à esquerda, que o mantinha mais próximo do Frefo e o deixava mais seguro. Qualquer problema, acreditava ele, era só virar a oeste e buscar socorro numa das vilas de pescadores dali.

O sol começara a se por e Piotre decidira preparar alguma coisa para comer e descansar, pois teria um longo dia de caminhada. Afastando-se um pouco do caminho, em busca de gravetos para acender uma fogueira, Piotre ouviu um bufar grave e o ruído de patas pesadas escavando o chão. Cauteloso, ele afastou os arbustos pesados para ver o que se passava e viu-se surpreendido por um belíssimo e enorme corcel negro.

De crina espessa, completamente selado e com arreios decorados com botões de prata, estava bufando e escavando o solo com sua pata direita. Afora o movimento

ritmado da pata e o bufar do animal, ele não se movia, exceção feita quando balançava sua cabeçorra de cima para baixo para, em seguida, sacudi-la lateralmente.

- Ele seria ótimo para minha viagem – pensou Piotre – mas como pegá-lo?

Com cuidado, Piotre pousou a bolsa que levava a tiracolo na grama e desafivelou seu cinto para que o gládio que o pai lhe dera não fizesse barulho. Manteve apenas o pequeno punhal na cintura e, com bastante cautela, foi avançando por entre os arbustos, evitando o mínimo estalar de gravetos.

O belo animal parecia não notar ou não se importar com sua presença, e Piotre foi se aproximando cada vez mais. A sela e os arreios indicavam que o cavalo era domado e não deveria apresentar grande resistência, uma vez que deveria estar acostumado à presença humana. Lentamente ele continuou avançando até o animal.

O cavalo olhou para ele e não apresentou grande resistência quando Piotre segurou-lhe as rédeas, limitando-se a um pequeno relinchar. Piotre lhe afagou o pescoço e sua mão ficou úmida e pegajosa. Na pouca claridade que ainda havia ele viu sua palma da mão vermelha, coberta de sangue. O animal não parecia estar ferido, e só então Piotre viu, a cerca de três metros, o corpo.

Caído ao solo, de braços e rosto enterrado ao chão, estava o cavaleiro. A grama ao seu redor estava mais escura, e Piotre imaginou que seria sangue, pois a escuridão da noite avançava a passos rápidos. Após o choque inicial, Piotre avançou até o corpo. Com delicadeza ele o virou e logo percebeu que nada poderia fazer.

O rosto do cavaleiro era uma massa de sangue, carne e osso, totalmente disforme, apesar do elmo aberto que usava. A placa da armadura no peito do cavaleiro ostentava o selo da Casa Real, indicando que se tratava de um membro da Guarda do Cetro Prateado. Piotre olhou em volta, mas nenhum sinal da maça folheada de prata e adornada com o selo real, arma utilizada e que dava nome àquela milícia de elite a serviço do governo.

Com os dedos trêmulos, ele procurou alguma forma de identificar o cavaleiro (um broche, anel, tatuagem), mas não conseguiu perceber nada. Piotre ficou sem saber o que fazer. Afinal, poderiam pensar que fora ele quem assassinara o cavaleiro. Mas ele não poderia deixar seu corpo ali, para ser devorado pelos animais. Nem mesmo abandonar o cavalo à própria sorte.

De maneira cerimoniosa, Piotre despiu e enterrou o cavaleiro, assinalando o local para que pudesse encontrá-lo se necessário. Seu elmo ou sua armadura poderiam ajudar em seu reconhecimento.

A noite agora já estendia seu negro manto e ele precisava descansar. Amarrou as rédeas do cavalo, para que este não fugisse, fez uma fogueira e adormeceu, cansado e nervoso.

O que o dia seguinte lhe reservaria?

O sono de Piotre não foi reparador, mas agitado pela imagem do cavaleiro morto e seu rosto desfigurado. Quando acordou, o sol já ia alto e sua barriga reclamava de fome. Só então percebeu que não comera nada desde o meio do dia de ontem.

Enquanto mastigava um pouco de pão e peixe seco, observava o cavalo que pastava ao lado da fogueira já apagada. Deveria seguir seu projeto inicial e buscar ajuda numa das vilas pesqueiras à margem do Frefo ou deveria seguir em direção a Torojai, a maior cidade próxima?

Piotre ajoelhou-se ao lado da cova onde enterrara o cavaleiro e fez uma prece a Ganis, sua deusa, pedindo sua intervenção junto a Cruine, senhor da morte, para que este acompanhasse o cavaleiro até o paraíso. Decidido, guardou todas as coisas e aproximou-se do cavalo, lhe afagando o rosto. Ele nunca montara um cavalo e estava nervoso.

O animal era imenso e o jovem pescador engoliu em seco. Segurando firmemente as rédeas com uma das mãos e a sela com a outra, colocou um dos pés no estribo e içou-se sobre o animal, arremessando a outra perna sobre ele e sentando-se na sela. O cavalo movimentou-se lateralmente, reclamando um pouco, e Piotre quase foi ao chão. Com algum custo, segurando firmemente sela e rédeas, cutucou o animal com os calcanhares e ele avançou num pequeno pulo.

Claramente o animal estranhava o montador, mas aos poucos ambos foram se acostumando um ao outro e, em instantes, já caminhavam suavemente pela estrada em direção a Torojai.

A chuva alcançou-os no meio da tarde. Forte, inesperada. Usando a montaria, Piotre seguia mais rápido, mas não tinha confiança de apressar o passo, pois tinha medo de cair daquele grande animal. E a chuva só atrapalhava mais seus planos.

Logo após uma curva suave na estrada, Piotre viu uma trilha à esquerda que, certamente, levaria a algum vilarejo pesqueiro às margens do Frefo e ele não teve dúvidas. Com certa dificuldade guiou o cavalo para a trilha, em direção a horizontes mais familiares e em busca de abrigo contra aquela tempestade.

Ultrapassando um pequeno bosque, Piotre viu-se numa colina com a pequena trilha a serpentear abaixo em direção dum vilarejo, como imaginava. Não contava, entretanto, em ver aquelas cabanas incendiadas em sua maioria, ainda mais pela chuva que caía.

Enquanto observava estarrecido a queima do vilarejo, foi surpreendido por um pequeno grupo de pessoas. O grupo era formado por três idosos e duas mulheres, uma das quais carregava no colo uma criança, que se lançaram sobre ele suplicando ajuda e falando, todos, ao mesmo tempo.

Após a surpresa inicial, quando teve dificuldade em controlar o cavalo, Piotre viu todos caírem de joelhos ao chão. Então um humano que aparentava mais idade – depois de pedir aos demais que ficassem em silêncio – começou a falar.

- Bendito seja Crisagom, por trazê-lo hoje aqui, nobre cavaleiro. Veja – e ele apontou o vilarejo – Curtado está em chamas! Um grupo de trols está atacando o vilarejo. Precisamos da sua ajuda, cavaleiro.

Piotre percebeu que haviam o confundido com o miliciano do governo, que segue pelo País para manter a ordem, certamente em razão do cavalo e da armadura presa à sela. Ele chegou a pensar em contar a verdade, mas quem garantiria que aquelas pessoas acreditariam nele? E se pensassem que era mais um ladrão ou assassino? Sem ver outra opção, Piotre disse:

- Calma, cidadão. Você disse... trols? – perguntou Piotre, enquanto pensava: “mas que diabo é um trol?”

- Sim, cavaleiro. Quatro ou cinco trols nos pegaram desprevenidos e, aproveitando que a maioria dos homens estavam pescando, invadiram o vilarejo. Mataram aqueles que poderiam resistir e atearam fogo nas casas... estão prendendo as crianças e as mulheres, certamente para vendê-las como escravos ou para servir de refeição.

- Certo, certo... – disse Piotre, enquanto pensava como agir – Aguardem aqui e afastem-se da trilha. Escondam-se nos arbustos e esperem eu retornar. Caso amanheça e eu ainda não tenha voltado, corram em busca de ajuda.

O pequeno grupo agradeceu. O velho, antes de desaparecer no meio da mata, disse que Blator e Crezir o acompanhariam e manteriam Cruine longe de seu caminho. Piotre acenou agradecendo e, apavorado, começou a descer a trilha até o vilarejo.

Conforme ia se aproximando do vilarejo, composto por cerca de oito a dez casas, pelo que podia ver, Piotre escutava gritos que lhe arrepiavam a espinha. Mas o pior ele escutou logo a seguir: eram risadas!

Cauteloso, Piotre deixou a trilha e, com as mãos trêmulas, vestiu a armadura do cavaleiro e colocou seu elmo. A escuridão da noite não deixaria que percebessem que o elmo e armadura eram de tamanho maior do que ele. Então Piotre olhou para o céu, elevando uma prece aos deuses e pedindo proteção. Sacou seu gládio e foi avançando lentamente, ao largo da trilha, em direção ao vilarejo.

A algazarra era tão grande que não se ouvia o chapinhar das patas do cavalo no piso lamacento. Da entrada do vilarejo Piotre pôde ver um grupo de mulheres e crianças amarradas num cercado de cordas na parte central da vila, onde deveria ser uma praça, com as casas ao redor em chamas. Mesmo ao longe Piotre era capaz de perceber que a maioria estava ferida e sangrava.

E foi aí que Piotre viu, do lado de fora do cercado de cordas, o grupo mais estranho de sua vida. Cinco seres humanoides, de maxilares desproporcionalmente grandes, munidos de porretes cercavam os cativos e riam alto, fustigando-os vez ou outra.

- Então – pensou ele – esses são os trols...

Inspirando profundamente e, mais por instinto do que por bravura, Piotre ergueu seu gládio, fustigou os flancos do cavalo e entrou em disparada no vilarejo, gritando para espantar seus temores.

- Yaaaaaaaaaahhhhhh!

Os "trols", surpreendidos, deram um salto assustados. A figura de Piotre adentrando o vilarejo, cavalgando o belo corcel negro, vestindo a armadura e o elmo do cavaleiro morto, causava grande impacto. Dois ou três começaram a correr, gritando:

- Ele voltou dos mortos... Ele voltou...

Dois em choque, ficaram paralisados. Um deles, bem no caminho de Piotre, recebeu uma trombada do cavalo e caiu ao chão, afundando o rosto na lama. O outro que se encontrava paralisado, só então Piotre pôde perceber, trazia na cinta uma maça prateada e que ostentava o selo real do cavaleiro morto, e logo Piotre compreendeu.

Aqueles monstros atacaram e mataram o cavaleiro, roubando sua arma e símbolo de poder, e agora acreditavam que ele, Piotre, era o cavaleiro que voltara dos mortos em busca de vingança.

- Como são estúpidos. – pensou ele.

Os três que saíram correndo, embrenharam-se entre as casas do vilarejo e desapareceram, abandonando seus colegas. Um deles estava desacordado, caído em meio da lama. O último se encontrava em pé, em estado de choque, olhando para Piotre sem ação.

Piotre pôde ver seus olhos de um amarelo brilhante, que parecia refletir o fogo das casas ao redor, arregalarem-se. Lentamente ele sacou da cintura a maça prateada e,

num pedido de desculpas, depositou-a ao chão à frente de Piotre, esperando perdão do – acreditava ele – falecido.

Piotre conduziu o cavalo lentamente até estar diante da criatura que, respeitosa (ou temerosa), baixara a cabeça e não conseguia lhe encarar. Isso era um alívio, pois pela proximidade poderia ver que Piotre não era o cavaleiro morto e tudo iria por água abaixo.

Ainda tremendo de medo e pela adrenalina que corria em suas veias, Piotre desmontou do cavalo e abaixou-se para apanhar a maçã depositada no chão quando este se moveu.

Talvez a criatura tenha conseguido ver que aquele não era o mesmo cavaleiro, talvez tudo tenha passado de um estratagema, mas a verdade é que este avançou para Piotre, com seu porrete erguido, pronto para o golpe. Tudo foi muito rápido.

Aproveitando-se de já estar abaixado, Piotre rolou pela lama apanhando, ao mesmo tempo, a maçã do cavaleiro com sua mão livre, enquanto a criatura desferia o golpe no vazio e perdia o equilíbrio.

Mais por reflexo que por outra coisa, utilizando o movimento do rolamento como impulso, Piotre desferiu um golpe com seu gládio e a sorte lhe sorriu mais uma vez.

O gládio, apesar de pequeno, atingiu o pescoço logo abaixo da nuca, e um líquido esverdeado e mal cheiroso espirrou para todos os lados antes da criatura ir ao chão. Morta.

Aproveitando-se da confusão, o outro “trol” ergueu-se da lama, ainda atordoado, e ao ver seu companheiro caído e sangrando (se é que se poderia chamar de sangue aquele líquido fétido), saiu em desabalada carreira.

Piotre, ofegante, caíra de joelhos, pouco acreditando no golpe de sorte que tivera. Somente foi chamado à realidade pelos gritos de júbilo das mulheres e crianças que se encontravam aprisionadas e davam vivas ao seu salvador. Desconcertado, Piotre sorriu e elevou graças aos deuses por estar vivo.

Dessa forma, ainda que por obra do acaso, Piotre deixara de ser um simples pescador como seu pai e tornara-se um verdadeiro aventureiro. Pelo decorrer dos acontecimentos logo soube que os deuses guardavam muito mais coisas para ele. Plandis lhe agraciara com a sorte, os “trols” eram apenas orcos...

A Jovem Cega

por Rafael Pedro Barbosa Quadros

O gélido sopro da brisa a fez arrepiar. O pio da coruja que ecoou das profundezas da mata a estremeceu. O odor pungente de terra, folhas e madeira que espreitava em volta a sufocava. E o salobro das lágrimas era amargo em seus lábios. Um lobo uivou próximo dali, quebrando o silêncio arauto da noite vindoura. A quietude crescente era perturbadora.

Ela arrastou os pés hesitantes pela esteira áspera e malcheirosa que recobria o chão. Três passos até a janela. As mãos tateavam o vazio à frente em busca de algum obstáculo. Percebeu então o toque úmido do batente de madeira. Apalpou novamente o ar, agora em busca das venezianas. As puxou gentilmente quando as encontrou, girou a tramela e se virou. Cinco passos até a lareira apagada. Sentiu sob os pés a textura felpuda e engordurada numa pele de urso que atapetava o chão ali. Esbarrou na velha cadeira, fazendo cair algo de metal, que retiniu surdo, abafado pela pele. O atijador, ela se lembrou. Virou-se desajeitadamente e se sentou. Abaixou-se para apalpar o chão até sentir o beijo gelado do ferro aninhado na pele de urso. O pegou e colocou no colo.

Da cozinha, vinha o incessante chamado do vento, fazendo trepidar as venezianas fechadas, como um visitante inconveniente. Ficou ali sentada e desolada, ouvindo o murmúrio lúgubre do zéfiro, pranteando a vida com angústia.

Em meio ao turbilhão de tristeza que inundava sua alma, fechou os olhos. Por puro hábito, pois não lhe fazia diferença fechá-los ou não. Ouviu gargalhadas doces e puras de crianças ecoando na memória, sentiu o cheiro de queijo temperado exalando numa barraca próxima e o toque morno do sol... E pôde ver! Como era belo aquele mundo preenchido de cores e formas! O mundo dos dias inocentes em que vivia com os pais em Omarge, correndo livremente pelas ruas tumultuadas do mercado, por entre barracas de toldos coloridos, armazéns fedendo a peixe e casebres de taipa tomados pelo líquen.

— Está com você — exclamou alegremente um garoto entre as gargalhadas, e então correu em disparada, se afastando.

Ela, menina, compartilhou aquela risada e correu atrás das outras crianças.

— Vou pegá-los!

Todos fugiam dela, rodeando barracas de mascates, se esgueirando através da multidão, saltando poças d'água. Ouviu o latido exultante dos sarnentos cachorros que corriam com ela e com as outras crianças.

Outro latido, porém, despertou-a daquele mundo de lembranças agradáveis. Estava de volta àquelas trevas amorfas e enfadonhas. Era seu cão ladrando euforicamente do lado de fora da cabana à chegada do marido.

As lágrimas agora escorriam em profusão, e ela se engasgava debilmente na tentativa de reprimir o choro. Ouviu o ranger da porta se abrindo. O frio que batia insistentemente à janela correu para se aninhar nas frinças de sua puída túnica de lã como uma criança mimada. Junto com o frio, veio o odor abjeto de cerveja. O cão latia alegremente fazendo tilintar sua pesada corrente de ferro. Vinte longas batidas de coração depois, a porta se fechou bruscamente.

Os passos pesados do marido cambalearam até a cozinha. Ouviu-o remexer as panelas vazias e resmungar algo. Depois veio o silêncio. Ela mordeu o lábio, e então o violento barulho da panela ao se chocar contra a parede após ser arremessada ecoou. Ela teve de lutar novamente para refrear o choro que insistia em lhe apertar a garganta. Ainda mordia os lábios na vã tentativa de despistar a dor que apunhalava o peito.

Quando os passos trôpegos do marido se aproximaram, e junto com eles o cheiro acre da cerveja, prendeu a respiração. Sentiu o olhar do marido pesado, tangível sobre si, e aquela voz rouca, embargada de bebida.

— Perdeu a visão, mas parece ter perdido as mãos, vagabunda.

Mordeu os lábios até sentir o gosto de sangue agora. Na garganta, um nó espesso; no peito, uma faca afiada. Segurou a respiração até que, enfim, veio o esperado golpe. Brusco, violento. Atingiu-lhe o rosto num ímpeto, esparramando-a no chão frio. O estampido da queda de cadeira, atizador e mulher ribombou pela sala.

Ouviu o marido se afastar para o quarto.

O gosto de sangue na boca agora era forte o bastante para fazê-la não sentir o gosto das lágrimas que caíam torrencialmente. Trêmula, reuniu suas forças e se levantou fragilizada. Os cotovelos e um dos joelhos estavam feridos e ardiam um pouco, bem como a palma das mãos. Sentia-se imensamente fraca. Reclinou-se um pouco para vagar as mãos espalmadas em busca da cadeira até encontrá-la. Colocou-a de pé, e a pobre cadeira oscilou, mancando como uma corça ferida. Uma das pernas havia quebrado, notou.

Suspirou extenuada.

Por Selimom! Como sua vida pôde ter mudado tão drasticamente? Há cinco verões era uma criança brincando alegremente pelas ruas de Omarge, mas hoje... Aquelas lembranças pareciam tão distantes! Parecia um sonho místico, envolto por névoas oníricas.

Desde que os negócios do pai começaram a minguar, a vida tornou-se outra. Mudaram para um vilarejo no interior de Plana na primavera seguinte. Fora uma viagem longa e desgastante. Enfrentaram o degelo das neves montanhasas e muitas chuvas antes de chegarem até o lugarejo. Ficava nos arredores de Cipa, aninhada num recôndito rochoso junto à Cordilheira de Sotopor. Era uma vila de vinhateiros e cervejeiros, de gente velha e endurecida pelo trabalho intenso e, exceto pelos gêmeos, filhos dum sapateiro vizinho, não havia crianças com quem brincar como em Omarge. E mesmo os gêmeos não estavam habituados às brincadeiras. Não gostavam de esconde-esconde ou pega-pega, e não sabiam como brincar de nada. Gostavam de ajudar o pai com os sapatos e se sentirem adultos.

No rigoroso inverno daquele mesmo ano, uma febre levou a vida de sua mãe. Ela e o pai ficaram muito abalados, e ele já não sustentava esperança alguma de reconquistar o sucesso nos negócios. Nada mais era capaz de animá-lo. Sua esposa morrera, sim, mas quem perdeu a vida foi ele.

Mais uma vez, uma primavera reservaria mudanças de ares. Em meios às chuvas, surgira a oportunidade que o pai carecia. Um acordo comercial com um eminente madeireiro de Alimar. O tratado era importante para o pai. Era o estímulo que reacendia o brilho da vida em seus olhos. O acordo foi arranjado junto com o casamento entre ela e o filho mais velho do madeireiro.

Não podia decepcionar o pai. Não restava a ele metade de uma vida, e talvez aquela fosse sua última chance de prosperar. Também não seria tão ruim, afinal. Uma

cabana na floresta, um marido e alguns filhos para cuidar. Conseguia até mesmo imaginar as crianças crescendo e correndo pela casa como ela correria pelas ruas de Omarge. Fora capaz até mesmo de sorrir daquela ideia.

Durante o verão, conhecera seu consorte num banquete regado à cerveja de Cipa e carne de carneiro assada. Seu noivo era um homem grande, silencioso e empedernido, dono de uma barba quadrada e espessa. Não conversou, nem sorriu. Apenas comeu e bebeu bastante. E se foi.

Casaram-se no outono.

Veio o inverno, a primavera, o verão e, novamente, o outono. Um ano. Um ano e a vida era simples. Tinham uma cabana na floresta, comida à mesa, uma horta, um cachorro, uma lareira, sexo. E só. Não tinham filhos, não tinham conversas, não tinham risadas, nem amor.

Com três anos de casamento recebera a notícia da morte do pai. O marido chegara da floresta, silencioso como em qualquer outro dia, sentou-se à mesa e comeu à vontade. Após saciar-se, despreocupado, contara distraidamente:

— Seu pai morreu. — Se levantou e não disse mais nada por dias, como era de costume.

Era triste se lembrar de tudo que tivera um dia. E tudo o que perdera. Não era muito, mas ainda assim, era tudo. Alegria, felicidade, liberdade. Coisas tão capitais à vida como água ou comida. Sem água e comida, ela não respiraria, é claro. Mas sem felicidade não se vive, existe-se, na melhor das hipóteses. O que é, sem a companhia da felicidade, quase o mesmo que não respirar.

Voltou então a ouvir o marido, escapando daquelas lembranças distantes. Seus passos bêbados o levavam novamente em sua direção. Quando ele se aproximou, ela se encolheu como uma presa acuada. Sentiu a mão pesada do marido se fechar em volta dos cabelos. Com brusquidão, a puxou para perto de si.

— Vem dormir ou preciso arrumar outra vagabunda para mim?

Ela conteve as lágrimas uma vez mais. Sua cabeça agora doía também, percebeu. Sentia o hálito do marido, quente e fétido, permear os arredores como uma névoa podre. Desculpe-me, ela tentou dizer, mas apenas se engasgou em seu pranto.

— Você perdeu os olhos, eu perdi uma esposa. — Sua voz estava carregada de cerveja, sim, mas havia em suas palavras, sobretudo, ódio. — Não prepara a refeição, não costura as roupas ou remenda os sapatos, não colhe a horta, não alimenta o cão. Agora também não vai mais esquentar a minha cama, vagabunda?

Após um instante de dor, lágrimas e angústia, seu mundo escuro chacoalhou quando ele sacolejou sua cabeça, e então sentiu outro tabefe violento. Estava esparramada na esteira suja e fria novamente, dolorida e agoniada. Sentiu o impacto de um pontapé nas costas tirar-lhe todo o ar dos pulmões. Depois outro e outro. A dor que sentia era aguda e profunda. Abria a boca tentando desesperadamente respirar, mas não conseguia. Rolou de costas no chão tentando acalantar a dor, desesperada com a agonizante sensação de não conseguir retomar o fôlego. Aos poucos, no entanto, o ar voltou aos pulmões.

O marido já estava no quarto novamente. Não o ouvira se afastar. Estava muito entretida com a dor. Esforçou-se para se levantar. Estava atordoada e fraca. A boca e as costas doíam; a cabeça girava e zunia; as mãos, cotovelos e joelhos ardiavam; mas o coração... Ah, a dor ali era indescritível!

Sabia que permanecer ali era convocar novamente a ira do marido. Não havia como lutar. O melhor a fazer era ir para a cama, dar prazer a ele, e orar a Selimom por um alvorecer rápido, para ficar sozinha novamente. Sentia os olhos encovados, pegajosos com as lágrimas que caíram. Aprumou-se bravamente, portanto, respirou fundo, fungou e seguiu para o quarto.

Andar era um tremendo esforço. Suas pernas estavam trêmulas, e fraquejavam e vacilavam sob si. Esforçou-se até passar pelo baixo portal do quarto, entrou vacilante com as mãos examinando o negrume perpétuo diante dos olhos. Tocou a cama e sentiu a rigidez da palha velha sob os cobertores quando se deitou amedrontada. Ouviu o marido se arrastar para próximo dela como uma fera obesa, fazendo balançar a cama. Enrijeceu-se gélida quando ele a puxou para perto de si com brutalidade. Mordeu-a no pescoço e na orelha, babando como um cão faminto. As lágrimas voltaram aos seus olhos quando ela sentiu aquelas grandes e calejadas mãos explorarem seu corpo por debaixo da túnica. Sem mais cerimônias, ele rolou para cima dela avidamente. Sua barba espessa fedia a cerveja, e espetava em seu pescoço e em seu rosto. Terminou o ato tão rápido quanto começou. E com igual brutalidade.

Por um instante, ela parou de chorar, surpresa ao notar o marido ressonando como um monstro. Mas a surpresa por notá-lo dormir durou uma respiração, e as lágrimas voltaram ainda mais copiosas. Fechou os olhos mais uma vez para sonhar. Vão-se os olhos, mas ficam os hábitos. Imobilizada sob o corpanzil do marido, ela estava nas ruas de Omarge novamente.

— Vejam — apontou empolgado o garoto ruivo, e ali ela realmente via. — O padeiro saiu.

Por uma viela estreita de paralelepípedos, descia o gordo e grisalho homem, em direção à Rua do Salgo.

— Ele deve voltar apenas à tarde — acrescentou a garotinha magricela.

— Vamos comer como reis — o garoto rechonchudo sussurrou.

Os garotos se entreolharam sorrindo ladinamente. Um dos cachorros levantou as orelhas ao notar a agitação deles. Então garotos, garotas e cães dispararam pela rua de terra. Contornaram uma praça barulhenta, subiram uma rua fétida e pararam na esquina do beco onde morava o padeiro. Era um beco escuro e serpenteante, pavimentado com seixos. Os garotos se reuniram sob a sombra duma hospedaria próxima, numa ruela lateral.

— Não podemos ir todos nós – disse o garoto ruivo.

Todos concordaram.

— Acho que apenas as garotas devem ir — sugeriu o garoto sujo. — Se forem pegas, ninguém vai fazer nada a elas.

A garotinha magricela cruzou os braços e franziu o cenho, belicosa.

— E carregaremos tudo sozinhas, seu preguiçoso?

— Ele deve ter preparado tortas de figo e empadas de galinha — imaginou o gorducho, alheio à discussão, com as mãos espalmadas por sobre a pança.

— Seu pai tem dinheiro o suficiente para comprar uma torta e uma empada para cada pessoa de Plana — ela mesma repreendeu.

— Mas as que roubamos são tão mais gostosas — objetou o gordo, manhosa e tristonhamente.

Todos riram e um dos cães ladrou agitado.

— Eu vou com as garotas — disse corajosamente o garoto ruivo.

Todos o olharam, entreolharam-se e concordaram.

O trio então se esgueirou pelo beco escuro, até a lateral da casa do padeiro. Era baixa, feita de pedra e taipa, e os feixes de palha de centeio do telhado haviam sido recentemente trocados. Os cachorros latiam instigados, e foram prontamente repreendidos com uma pedra. Recuaram ganindo.

O garoto ruivo sacou das calças uma roca de fiar, para surpresa das garotas.

— Vocês meninas nunca serão tão espertas quanto nós garotos. — E sorriu, orgulhoso.

A menina magricela mostrou-lhe a língua.

Ele então enfiou a roca por entre as folhas das venezianas e a ergueu cuidadosamente, fazendo girar a tramela. Sorriu novamente, e, cauteloso, abriu uma das venezianas. E o trio se abaixou com sincronia, recostando-se contra o peitoril da janela, repentinamente acovardados.

— E se tiver alguém lá dentro e dermos de cara com ele? — ela perguntara.

— Deixe de ser medrosa — censurou a garota magricela.

— A chama de medrosa — disse o garoto ruivo —, mas está aqui escondida, como ela. Se for tão corajosa, entre primeiro?

— Se você olhar pela janela — desafiou belicosa, pueril —, eu entro.

O garoto suspirou apreensivo.

— Tudo bem — disse e se levantou para espreitar a janela. — Não tem ninguém lá — relatou após se abaixar novamente. — Agora vá!

Após desferir-lhe um soco no braço pela petulância, a garotinha magricela se levantou e saltou por sobre o batente da janela. Do lado de fora, os dois trocaram um olhar expectante, e ficaram imóveis. Mal respiravam, tamanho o nervosismo. Viam as pessoas passando pela rua no fim do beco ou as ouvia conversando numa casa próxima. Ouviram também um mascate aos berros vendendo ameixas frescas e uma velha esvaziando o penico pela janela.

— Venham aqui — soou uma voz e ambos se enrijeceram. — Não conseguirei levar tudo sozinha.

A garotinha magricela gargalhou quando eles se levantaram pálidos.

Olharam para os dois lados do beco antes de saltarem janela adentro. Esgueiraram-se pela casa até chegarem à cozinha. Havia uma comprida mesa de tábuas, dois armários baixos e velhos, e um fuliginoso fogão recheado com tocos de lenha queimada. Em todo lugar, havia manchas brancas de farinha, fômas, rolos de massa, tabuleiros, jarros de barro cheios de leite, sacos de farinha, grãos, cestos com ovos, caixotes de frutas, teias de aranha e merda de rato. Mas seus olhos repararam apenas nos montes de tortas, pães, roscas e bolos por sobre a mesa, exalando um aroma morno e apetitoso.

— Temos de ser rápidos — exasperou, num sussurro, o garoto ruivo.

Precipitaram-se por sobre a mesa para encherem as camisas e os bolsos numa bagunça frenética. Aqueles ruídos ecoavam, distorcidos, das profundezas da memória.

Ela se viu caminhando rumo à mesa, em meio a uma crescente escuridão, donde a lâmina duma faca refletia a luz do sol que adentrava por uma fresta. Ela caminhou

devagar, guiada pelo reflexo de aço, em meio às risadas que agora ressoavam longínquas. As trevas cresceram, e encheram o mundo à sua volta, e apenas a lâmina reluzia. Sentia-se entorpecida em meio àquela escuridão repleta de vazio, sussurros e ecos. Pegou a lâmina e foi até uma rosca gorda e peluda. Cortou aqui e ali, fatiou uma, duas, três vezes. Sentiu algo rijo em meio à massa tenra. Ossos? Ergueu a lâmina lentamente, intrigada.

Gotejava sangue... Rubro, tépido, viscoso.

No reflexo da lâmina, viu a si mesma. Não era uma garotinha inocente de traços delicados, mas uma mulher feita, com olhos cegos, vincados e extenuados. O latido barulhento do cão a despertou daquele pesadelo, preenchendo seu mundo com o véu negro da cegueira novamente. Estava de pé. Sentiu, na mão, o peso da faca; no ar, o cheiro de sangue, urina e bosta. Assustada, deixou cair a lâmina no chão. Estremeceu quando as lágrimas retornaram com avidez.

— O que foi que fiz? — sussurrou assombrada.

Arrastou os pés, de costas, e trombou contra a cômoda. Em resposta ao ruído, ouviu a cama estremecer à sua frente e o marido gorgolejar. Aos tropeções, ela se arrastou para fora dali, horrorizada. Passou pelo portal do quarto, pela sala, abriu a porta e parou do lado de fora, arquejando. O cachorro lutava contra a corrente que o prendia, latindo em desespero como que em busca de uma resposta.

Estranhamente, ela foi se acalmando. A respiração foi assumindo um ritmo mais brando. O vento lhe acariciou o rosto, e, com dedos frescos, lhe afagou os cabelos. O canto dos pássaros e o cheiro doce e suave das flores a saudaram. O toque morno do sol a abraçou. Por Selimon! Já é manhã? Não vira a noite passar.

Ouviu um estalido férreo quando o cão rompeu a corrente e correu até ela, saltando, latindo, farejando, lambendo.

Ela fechou os olhos, então. Abriu os braços e inspirou profundamente. Tinha, desenhado no rosto, um sorriso jovial do mais puro alívio. Do bosque vieram as risadas das crianças. De olhos cerrados, ela viu seus sorrisos, seus pés nus chapinhando nas poças ao correr alegremente até ela, os cães latindo em seu encalço. Quando percebeu, estava girando com os braços abertos, dançando aquela canção de alegrias inocentes como uma menina sonhadora, rindo com os outros meninos.

— Está com você — exclamou alegremente um garoto entre as gargalhadas, e então correu em disparada, se afastando.

Ela, menina, compartilhou aquela risada e correu atrás das outras crianças.

Liberdade, aventuras, tesouros e disciplina

Por João Paulo M. de Castro

Calmaria... O barco mal se movimentava, as velas estavam murchas. O sol queimava a estibordo no azul límpido. No convés da embarcação encontrava-se uma figura solitária deitada com os braços por detrás da cabeça e com os olhos perdidos no infinito. De longe, alguém poderia confundir a com um garoto vadiando. De perto, via-se que se tratava de uma mulher, bonita, de olhos castanhos e cabelos curtos, lisos e negros. "É raro as águas de Plana oferecerem um tempo como esse." Pensou Auril consigo. Ela não se lembrava da última vez que deitou no convés para refletir sobre a vida e olhar para o céu. Além do mais, tinha prazer singular em ver o contraste do tremular de sua bandeira negra contra o azul da imensidão do céu. Mas naquele dia a bandeira quase não tremulava, pois o mar estava em calmaria.

Como era de se esperar, o silêncio dura pouco em um navio pirata, e logo foi quebrado por uma voz nem muito grave e nem muito aguda, mas potente:

– O que faz deitada aí, Sem-sorte? Faça algo!

A ordem veio de Pé- pequeno – o apelido é uma ironia com a realidade, esse humano tem quase dois metros de altura. Trata-se de um verrogari desertor, visto como covarde em suas terras, que andava perdido em Abadom quando entrou para tripulação.

- Fazer algo? - Replicou Auril – É justamente pelo mar estar nesta calmaria que a tripulação está descansando!

Pé- pequeno sorriu, e completou:

- Ué, mas não são as formigas que trabalham até morrer? - A gargalhada veio de imediato.

Ouvindo o guerreiro rir, Auril voltou a olhar para o céu deixando escapar um leve sorriso com um ar de "me pegou". Ele caçoava de seu tamanho desde que chegou, ela deveria ter previsto. O humor de Verrogari é um tanto áspero, diferente das terras do Norte. Pé- pequeno completa:

- De qualquer forma, é bom não ficar tão desleixada aí, alguém pode não te ver e tropeçar!

Esta foi sem graça e forçada. Ela sabia que a piada veio mais pelo fato de ser uma mulher do que pelo próprio tamanho, também sabia que é preciso tempo até que um novo tripulante aceite a existência de uma veterana na tripulação. Se é raro encontrar uma mulher como tripulante de uma embarcação, mais raro é tê-la como superior. Normalmente, as piadas são para deixar a situação mais confortável. Mas existem coisas que ela não deixaria passar em branco:

- Sabe o que é pior que uma pedra no sapato?

- O quê? Um verrogari falante? – Respondeu o guerreiro;

- Um punhal no sapato... De quem pega no meu pé.

O sorriso sarcástico acompanhando o comentário disfarçou a seriedade da ameaça. E para Pé- pequeno é difícil imaginar que uma mulher de sorriso tão lindo e deitada de maneira tão displicente poderia fazer algo tão incisivo. Mas preferiu não arriscar, afinal estava em um navio pirata.

Mudando o assunto, Auril franziu a sobancelha:

- E você, o que faz aqui?

Pé- pequeno ficou desconcertado com a pergunta, mas respondeu à barda:

- Estava de vigia no mastro principal. A água acabou, tive sede e aproveitei a calmaria para encher o balde de água e voltar ao meu posto.

Foi então que ela desviou a cabeça e reparou que não havia ninguém no topo do mastro. A cara séria com que olhou o guerreiro o fez encolher para metade do tamanho. E pior, difícil foi entender como ela conseguiu lhe dar uma bronca enquanto levantava:

- Novato, você sabe que não se deve abandonar seu posto, sob pena de duro castigo! Peça para alguém do convés lhe entregar água pela corda! - Concluiu Auril.

E claro, no momento, ela era a única que se encontrava no convés. Sem olhar diretamente nos olhos da carpinteira, o verrogari se demonstrava desajeitado diante daquela situação. E tentou se justificar:

- Não quis lhe incomodar... Você parecia tão relaxada.

Ele pareceu sincero. Enfim, talvez ela tenha sido dura demais. "Paciência, dê tempo ao tempo que ele irá se enturmar." Pensou a pirata. "E mais, o sol está escaldante e o céu tem apenas um filete de nuvem vagando acima do mastro."

- Por Cambu! - Gritou Auril.

Pé- pequeno ainda estava tentando se justificar, mas ela não o deixou terminar de falar. Um calafrio percorreu a espinha da barda e ela correu para a proa. Olhou bem a frente, uns 100 metros, e percebeu que as águas estavam ondulando. Tirando a pequena luneta pendurada na cintura, correu para a popa. E enquanto olhava, esbravejava nomes que uma donzela nãoalaria sem ficar ruborizada. O novato observou atônito aquela cena repentina. Até que ela lhe ordenou:

- Soe o alarme! Vou chamar o capitão!

- Mas por que? - retrucou o guerreiro, relutante em seguir a ordem.

- SANGUE DE CREZIR! SOE O ALARME!

Saindo do gabinete do capitão, Lucius apareceu:

- Cães! Qual o motivo dessa gritaria?

A resposta veio de Auril em forma de charada:

- Capitão, por que aquela nuvem está vagando acima do mastro se estamos em calmaria? E por que as águas ondulam perto do horizonte?

Lucius, surpreso:

- Por Cambu! Amaldiçoaram estas águas! Verrogari, toque mais forte esse sino!

Já não era preciso que Pé- pequeno subisse ao topo do mastro principal para ver um navio deslizando na direção do "Raposa Escarlata". Assim, com uma luneta mais poderosa, Lucius se dirigiu até bombordo e distinguiu a bandeira.

- Ratos da Levânia!

Surgiu então ao lado do capitão uma figura serena, o meio-elfo Azverel – também chamado de “rede de camarão” por nada lhe escapar – sempre com olhar analítico. Percebendo a presença deste, Lucius entregou a luneta para seu contramestre e segundo em comando, dizendo:

- É o Lorde de Asturis, meu caro Azverel, em uma galera.

Por sua vez, este olhou pela luneta e replicou:

- Hum... pouco mais de 30 homens. Penso que, se vêm por uma galera, quando entrarem na zona de calmaria irão baixar as velas e usar os remos para se aproximar, chegarão em pouco tempo – analisou o contramestre. – Mas por que um pequeno nobre viria tão longe atrás de nós?

- Raios! Abordamos dois navios naquelas águas! Demos motivos de sobra para que vários nobres, não só de Rokor, mas de toda Levânia, nos perseguissem! - Terminou a frase com uma gargalhada orgulhosa.

Imediatamente após rir alto, o capitão se pôs sério, segurou a ponta de seu longo e espesso bigode, e se dirigiu ao meio-elfo num tom sereno:

- Poupe este olhar preocupado e diga-me o que pensa.

- Tem outra coisa me incomodando... É raro sermos encurralados desta maneira...

- Trovões! Tratemos disso depois. Agora, foco na batalha. – O capitão virou-se para a popa e gritou – Sem-sorte, o que sabe sobre o senhor de Asturis?!

Logo atrás da carranca de madeira em forma de caveira de raposa, respondeu Auril:

- Se chama Dinael, o conheci quando criança. Família orgulhosa e muito antiga, porém perdeu prestígio e poder durante a invasão demonista, e agora é quase desconhecida. Não deve estar na embarcação, pois tem muitos negócios a tratar, mas seu contingente é leal. Ouvi que magos têm acesso à sua biblioteca, falam do orgulho do passado, infortúnio no presente e renascimento no futuro.

- Presente, passado e futuro – Murmurou Lucius.

- Guardamos tudo que era inflamável, todos já estão armados e em seus postos! – Gritou Alfagor, exímio espadachim.

Lucius suspirou:

- Pena que não podemos guardar a madeira... Muito bem, quase nos pegaram de surpresa, Sem-sorte, sua deixa!

Pé- pequeno que acompanhava tudo atentamente olhou para Auril que, radiante, gritou:

- Baratas marinhas se aproximam e querem nos abordar! Vamos deixá-las ilesas?

A resposta veio em coro:

- Não! Vamos esmagá-las!

Auril continuou:

- Relaxaremos um só instante antes de se arrependermos de terem nos provocado?

- Não!

Junto com as respostas Pé-pequeno sentiu a tensão no ar subir vertiginosamente, sua atenção pareceu redobrada. Nesse momento, Auril encerrou gritando:

- Não pararemos até que chorem e peçam perdão a Cambú, pois lutar contra o Raposa Escarlata é um péssimo negócio!

Mal tinha terminado o discurso, quando se escutou um zunido de flechas. Na primeira saraivada a maioria dos projeteis vinham com fogo nas pontas, caindo no convés. Os tripulantes estavam recuados e protegidos graças à experiência de Lucius. Também estavam com grandes tinas de água, algumas prontas para serem chutadas e outras para serem usadas em casos extremos. Assim, ninguém saiu ferido e parte do fogo foi apagada.

Logo depois das primeiras flechas já vinha uma segunda saraivada, já sem chamas, e a terceira. E junto com as flechas, ganchos amarrados em cordas se prendiam e fincavam na lateral do barco, por onde os tripulantes inimigos pretendiam abordar.

Devido à chuva de flechas, não foi possível impedir que o barco de Levânia atracasse no Raposa Escarlate. Porém, o nível do convés do navio pirata era quase um metro mais alto que o da galera, o que impediu uma abordagem imediata. Somado a isso, a velocidade de resposta da tripulação pirata não permitiu que os soldados invasores agissem primeiro, dificultando um avanço inicial. Tal como Pé-pequeno, todos fizeram uma linha que definiu a fronteira entre os invasores e os abordados. Estes últimos estavam lutando com o discurso de Auril ecoando em seus corações, motivando-os por dentro. O guerreiro de Verrogar percebeu que, de maneira muito mais fácil que o comum, se concentrava em antecipar o movimento de todos àqueles que ousavam invadir o navio, fazendo-os recuar.

- Por Blator! Fazia tempo que não encontrava tamanha satisfação em batalha! - Gritou Pé-pequeno entusiasmado.

Sua espada era rápida, assim como as de seus companheiros. Desta maneira não havia brecha para que os soldados pudessem passar.

No entanto, veio a resposta ao contra-ataque: de forma inesperada caíram do céu línguas de fogo, como feixes cruzando a linha dos piratas. Estes foram obrigados a dispersar e tiveram que recuar para se recompor, o que permitiu a entrada do inimigo e a quebra da formação em linha.

Os soldados avançaram com valentia contra os piratas. O tilintar das espadas era incessante. Um soldado investiu de maneira tão violenta contra Pé-pequeno, que este teve uma única oportunidade para aparar o golpe. Seu sucesso foi minimizado quando outro soldado o acertou pelo flanco, diretamente no couro de sua armadura. A dor no seu ego e do impacto foi igualmente penosa.

Visivelmente, a batalha se tornou mais intensa e difícil. Os invasores quebraram a linha que impedia a abordagem e se dispersaram no convés. E, ao mesmo tempo que estavam em maioria, não se importavam nos danos que causavam ao barco. De fato, a armadilha estava bem montada.

No meio das lutas espalhadas, quem se destacava e inspirava os companheiros do mar a resistir era Alfagor. Era possível vê-lo lutar contra três ao mesmo tempo. As espadas dos inimigos se aproximavam de seu pescoço, porém encontravam o vazio. A velocidade com que respondia aos ataques também era surpreendente. Em um movimento aplicou três golpes, acertando três soldados, um deles teve que recuar e ser substituído por outro a fim de manter o cerco ao espadachim. Pé-pequeno imaginou que se existisse um quarto soldado cercando-o, esse também não escaparia.

Mas a esperança de uma batalha minimamente equilibrada se desfez quando uma figura vestindo uma túnica roxa, flutuando acima da galera na altura do convés, apontou o dedo para Alfagor, disparando um relâmpago. O pirata saltou para evitar o raio, que lhe atingiu de raspão, somente por conta de sua grande agilidade. Recuou e acabou ao lado de Pé-pequeno. Os soldados correram para cercá-lo, e junto com ele, cercaram também o verrogari.

O espadachim mal tinha se recuperado e voltado à batalha, eis que mais uma chuva de flamas despençou sobre os melhores lutadores dos piratas. Neste momento Alfagor foi atingido em cheio.

Ao olhar o espadachim, Pé-pequeno percebeu um pequeno filete de sangue saindo de sua boca. Não era só ele, mas todos estavam se exaurindo. Parecia que Cruine havia posto seus olhos sobre a tripulação do Raposa Escarlata, quando, de repente, veio um grito de cima, no meio do mastro principal:

- Preguiçosos! Qual é o seu estandarte?!

Alfagor, antes sério, sorriu, limpou o sangue da boca e, ao mesmo tempo que atacou, gritou junto com toda a tripulação:

- A bandeira do Raposa Escarlata!

Auril bradou em resposta:

- E qual é seu único dever?!

A réplica veio mais forte:

- Ser livre e lutar até vencer!

Ao presenciar aquela cena, o coração de Pé-pequeno se encheu de bravura e confiança. Não só ele como toda a tripulação avançou contra o inimigo com mais ferocidade.

Quanto a Auril, esta segurou com firmeza uma corda presa à verga mais alta do mastro principal e se lançou como um pêndulo, ao estilo dos trapezistas circenses. No momento do balanço em que a corda parou para retornar, a barda pulou com um mortal caindo dentro da galera, ao lado do mago.

Os piratas observaram atônitos os movimentos inconsequentes de sua carpinteira. Da mesma forma, os soldados que restavam na galera ficaram surpresos, pois não esperavam uma invasão tão ousada.

Auril respirou fundo: "Por Plandis, deu certo!" Mas o alívio de ter aterrissado ilesa foi-se junto com o ataque de dois soldados que, mesmo não acertando diretamente, lhe fizeram suar. Ao mesmo tempo, o perigo aumentou quando o místico apontou em sua direção o mesmo dedo que quase matou Alfagor. Mas, devido ao susto, o ataque precipitado do mago não lhe deu espaço para conjurar o feitiço corretamente. E, tal como um amador, um relâmpago explodiu na sua frente dando a oportunidade para Auril atacar.

Com seu gládio, a barda acertou o quadril do mago sabendo que atingiu a carne. O místico, então, recuou gritando de dor e certamente incapacitado de realizar magia por um espaço de tempo.

Do convés pirata, em plena luta, Azverel acompanhou a falha do mago e o acerto de sua esposa. Com um misto de preocupação e alívio em seu semblante, pensou em voz alta:

- Cruine deve te achar intragável...

Neste momento, a retaguarda dos soldados se deu conta da gravidade do ocorrido e Auril se viu cercada por oito guerreiros levas, inclusive por aquele que parecia ser seu comandante. Ela inesperadamente levantou os braços gritando "Não me façam mal, não sou inimiga, só estou protegendo meu barco." Para o espanto de Pé-pequeno, como bom guerreiro que é, percebeu que os guardas mudaram seu espírito de luta, esqueceram-se de seus deveres e confusamente consideraram o argumento de Auril.

Esta, por sua vez, continuou a falar com os antigos inimigos, "Por favor, amigos, ajudem-me a gritar para meus camaradas!" E iniciou a gritar: "recuar, recuar!".

Os novos amigos fizeram coro com ela. Os soldados invasores, que estavam concentrados na batalha e de costas para a galera, entenderam como uma voz de comando e começaram a recuar. Os piratas, liderados por Lucius, aproveitaram o movimento dos soldados para fechar o avanço e forçar o recuo, de maneira que a volta não era mais possível. Ao mesmo tempo que os combatentes tentavam entender o motivo do recuo inesperado, os oito novos amigos tentavam explicar que "ela estava protegendo o barco e deviam ajudar". Antes que os soldados dessem por conta, Auril, em um salto digno de acrobata, pulou para cima do convés do Raposa Escarlata. Por sua vez, a tripulação pirata antecipou a reação dos soldados, cortando as cordas que prendiam a galera à caravela. Porteval e Cicatriz conseguiram controlar o fogo que ainda queimava no convés. Lucius, se dirigiu aos soldados de Levânia:

- Melhor não pensar em voltar, seus porcos marinhos!

Auril, por sua vez, completou:

- Por, Cambu! Propomos uma trégua! Ambos nos retiraremos e cuidaremos de nossos feridos. Eu pergunto a vocês: se não há certeza de vitória, por que arriscar?

Dado o fiasco da última manobra, a moral dos soldados de Asturis diminuiu consideravelmente. Eis que o Mago gritou de dentro:

- Aceitem a trégua! Mas nós voltaremos, por Crisagom!

- E nós não estaremos esperando, por Plandis! – Replicou Azverel, que fez a tripulação pirata rir.

Depois dos piratas entregarem à tripulação da galera os soldados caídos e incapacitados de se mover, esta partiu remando.

- Lembranças ao rato Dinael! – gritou Lucius, e completou – Cães! Não há folga! Cuidem dos feridos e arrumem essa bagunça. Azverel! Na minha cabine!

Não era comum a tripulação invejar a posição de Azverel. Ser contramestre traz imensas responsabilidades e trabalhos burocráticos, tais como organizar e garantir os mantimentos para a viagem planejada e mesmo contabilizar e dividir o botim. Caso houvesse algum erro, a punição era severa. E Lucius era implacável mesmo com seu braço direito. Mas, dado o trabalho pesado que aguardavam, esta era uma das poucas vezes que desejavam ocupar a posição dele.

Já haviam passado quase duas horas depois da batalha, o vento começara a soprar. Dentro da cabine, o capitão Lucius estava de pé olhando o ondular do mar pela janela, fumando seu charuto com ar contemplativo. "Em alguma das últimas paradas, o cão sarnento deve ter feito contato com o rato de Asturis e indicado a nossa rota", refletiu o capitão do Raposa Escarlata. "Certamente soube de algo na nossa última pilhagem que nós não sabemos." Os pensamentos começam a se encadear em uma roda lógica, "Maldição! Somente do topo do mastro que se perceberia mais claramente a zona enfeitada." Depois de um tempo pensando, encerrou o raciocínio falando em voz alta:

- Raios! Pela primeira vez temo pelo Raposa Escarlata. Plandis queira que esteja errado!

Azverel, que acabava de entrar, respondeu:

- Por Palier, nunca deseje tal coisa! Como confiaremos no senhor?

Lucius se virou para a porta com um olhar de indagação, e Azverel não o deixou sem resposta:

- Procurei segundo suas instruções, e encontrei isto que não bate na lista.

O rosto do capitão tomou um ar triste e sombrio, voltando-se para o seu imediato disse impaciente:

- Vamos. Vamos acabar logo com isso. – Saindo da cabine, gritou no convés: – Ainda não é hora de descansar, seus corvos! Reúnam-se!

Lucius estava muito sério.

- Pé-pequeno, narre os últimos eventos!

- Capitão! Nós fomos pegos por uma magia...

- Não fomos pegos por uma magia, molúsculo de praia! Nós entramos em uma região afetada por uma magia e estacionamos lá! E quando o barco inimigo foi avistado, onde você estava?

- No convés.

- No convés, raios! E onde deveria estar?

- No mastro principal.

A resposta fez a tensão da tripulação subir.

- Mas, capitão, a água tinha acabado e ...

- Não interessa! Esse ato irresponsável quase custou nossas vidas!

Todos permaneciam em silêncio. E o capitão continuou:

- Como anteciparam a nossa rota? E não foi conveniente que você não percebesse a magia e não estivesse no mastro principal?

- Capitão, juro por Blator que...

- Não me interessam suas juras, mas os fatos.

Pé-pequeno suava frio. A tripulação esperava a conclusão do capitão.

- Tiro-certo!

Ebirom, chamado de Tiro-certo e nascido em Saravosssa, era o melhor arqueiro da tripulação, e fazia jus ao apelido.

- Sim, capitão!

- Você trouxe este cão verrogari aqui, deixei-o na sua tutela e você estava alternando com ele no mastro principal!

- Sim, senhor!

- Então, você dirá qual punição darei a ele e a você!

Era costume do capitão Lucius fazer com que a sua tripulação assumisse a responsabilidade de seus atos, anunciando sua própria penitência. Se fosse demasiado branda, o tripulante ficaria com a moral baixa diante da tripulação. E o capitão avaliaria a vontade deste de pertencer ao Raposa Escarlate.

- A ele, por traição, a morte! A mim, por falta, 50 chicotadas e três dias sem comida!

- Mas sou inocente! Por Blator! – Pé-pequeno, olhava desconsolado para seus companheiros.

- Cão, não interessam suas súplicas! Terás como castigo 50 chicotadas e três dias sem comida! E você, Ebirom, verá o rosto de Cruine antes de toda a tripulação!

Pé-pequeno calou, mas não por se conformar, mas por pensar não ter ouvido direito.

- Capitão?! – gritou Tiro-certo.

No mesmo momento, Ebirom foi imobilizado por Azverel. Lucius olhou para o arqueiro com um misto de raiva e indignação:

- Seu verme! Você acusou Pé-pequeno de traidor antes mesmo de mim! Você contratou o filhote de terra firme para ser o bode expiatório! Você, verme marinho, deixou a água do balde para acabar!

- Isso é loucura, por Selimon! - Respondeu Tiro-certo com voz desesperada.

- Seria, seu porco, diga agora qual a origem deste anel que estava na suas posses!

Alfagor espantou-se:

- É o mesmo anel usado pelo mago!

- Faz parte da coleção de Asturis! – disse Auril com surpresa – existem apenas 5 iguais a este!

Toda a tripulação olhou embasbacada para o tesouro em forma de anel. Lucius estava vermelho:

- Traidor! Covarde! Parasita do Mar! – lhe faltavam adjetivos para chamar Tiro-certo. – Não será morto por nenhum de nós! Não terá essa honra! Andará na prancha!

Não havia mais o que fazer. Tiro-certo olhou nos olhos de seus antigos camaradas e começou a chorar. A solução de tanto chorar. As lágrimas do sentenciado eram a única coisa que quebravam o silêncio fúnebre que tomou o barco enquanto Azverel encaminhava o arqueiro com as mãos amarradas para a prancha. Pé-pequeno não sabia como se sentir, triste, aliviado, ofendido, traído, admirado. Talvez tudo de uma vez.

- Que Ganis aceite seu corpo e Cruine a sua alma.

O barulho do corpo caindo na água pôs fim ao pranto. E o silêncio perdurou por muito tempo.

Finalmente Lucius falou:

- Tomemos como lição. Não sintam raiva e nem pena, nosso companheiro Tiro-certo foi morto por Ebirom quando decidiu nos trair.

Terminando essa frase e com um rosto carregado, se virou para a cabine e deu a ordem:

- Zarpemos para Calco! Entregaremos os pertences de Tiro-certo aos familiares mais próximos.

Alguns notaram algo como um choro contido na voz do capitão, que antes de entrar em sua cabine levantou sua espada e gritou:

- Cães! Àqueles que estiverem insatisfeitos com o caminho escolhido pelo Raposa Escarlate devem nos abandonar na próxima ancoragem. Aos que ficarem: liberdade, aventuras, tesouros e disciplina!

O Medalhão de Prata

Por Alan Emmanuel

Simeão bebeu o último gole da sétima caneca de cerveja que tomava aquele dia. Costumava se orgulhar e contar vantagem da incrível capacidade de resistir à embriaguez. Também pudera; para um “pequenino” ele realmente resistia incrivelmente aos efeitos do álcool. Podia beber por horas a fio e ainda manter-se plenamente consciente. “Benefícios de ser filho de um grande cervejeiro”, dizia orgulhoso, quando finalmente ficava “de pileque”. Mas não era o caso hoje, ainda. Quando o humano ruivo e alto, extremamente magro e com cara de patife aproximou-se da mesa ajeitando um desses “mantos de bruxo” antes de sentar-se, Simeão ainda estava bem sóbrio e atento.

— Ouvi por ai que você é um grande ladrão. — Disse, sem nenhum rodeio, o tal bruxo. Simeão gostava disso.

— “Grande” não é o termo exatamente apropriado em se tratando de um pequenino... Mas, sim, sou realmente muito bom no que faço. — Retrucou Simeão com voz quase infantil.

— Tenho um serviço para você. — O mago jogou um saquinho sobre a mesa. O som que se propagou chegou como música aos ouvidos apurados de Simeão: moedas, o bastante pelo volume. Numa fração de segundo o saquinho sumiu de cima da mesa para reaparecer nas mãos de Simeão. Dedos hábeis conferiram o conteúdo e fecharam o saquinho novamente.

— Do que precisa, senhor...

— Edreanor — completou o bruxo. — Preciso que recupere um artefato que foi roubado de mim. Um medalhão. De ouro. Preso numa corrente de prata.

O taberneiro, um sujeito tão grande quanto gordo que atendia pelo nome singular de Pancada, aproximou-se a um sinal de Simeão e, prestativo, encheu-lhe novamente a caneca.

— Bom, mestre Edreanor, e onde posso encontrar esse ratinho? Simeão perguntou enquanto dava um belo gole na caneca de cerveja.

— Ele está acomodado num barco. O Rainha. Está ancorado aqui na cidade até esta noite. Amanhã eles partem com destino a Diam, em Eredra. E de lá para o Fim-do-Mundo.

— Hum... o Rainha, não? É um navio afamado, sua tripulação é experiente e seu capitão é reconhecido em muitas águas. Não se envolve com um grupo desses por pouco, mestre Edreanor.

— O sujeito que me roubou não faz parte da tripulação do Rainha. Pagou para embarcar e ir até Dantsem, onde vai desfazer-se do meu medalhão. Além do mais, a tripulação do Rainha está quase toda em terra hoje. E, caso aceite o serviço, outras duas sacolinhas dessa estarão à sua espera amanhã.

Simeão brincou com uma das moedas entre os dedos.

— Qual o nome do sujeito? — Perguntou.

— Lucius. — Respondeu o outro.

Se alguém perguntasse a que horas Simeão deixou a taberna ninguém saberia dizer, e a maioria teria dificuldade até de lembrar-se se ele esteve lá. Tinha essa capacidade de passar quase despercebido mesmo que não quisesse. Horas mais tarde, ainda aquela noite, estava descendo pelas vielas escuras e tortuosas de Quessedir. O cheiro da maresia vinha acompanhado com o odor acre de peixe fresco. A noite era de lua cheia e o caminho estava iluminado com aquela aura azulada que provoca arrepios nas criaturas diurnas. O vento frio soprava forte, soerguia o manto escuro de Simeão e deixava à mostra a bainha da espada curta com cabo de prata presa em sua cintura. Essa arma era a única coisa na vida da qual Simeão realmente gostava. Não apenas pelo fato de ser uma arma excepcional, mas havia sido dada por um amigo muito querido, que há anos já havia partido para o seio de Cruine, o deus impiedoso da morte que jamais inocenta o culpado ou retarda seu julgamento.

O píer estava iluminado por lamparinas a óleo que ficavam infestadas de mariposas e outros insetos voadores à procura de calor. Grupos de marujos se empertigavam contra o frio, jogando conversa fora ou cuidando do embarque e desembarque de mercadorias. Algumas de origem duvidosa.

O pequenino movia-se como o vento. A capa negra e a baixa estatura tornando-o pouco mais que a sombra de um gato entre os caixotes. Minutos mais tarde a figura de um barco grande e poderoso oscilava nas águas à sua frente. O Rainha havia sido recém-reformado e apresentava-se, de fato, como uma rainha dos mares. Havia apenas um vigia no convés e outro no cais guardando a prancha de acesso. Simeão jogou uma pequena pedra à esquerda do marujo fazendo-o virar, no espaço de tempo de uma piscadela a lâmina curva da espada curta de Simeão cruzou o espaço até o pescoço do pobre marinheiro, onde se enterrou até destruir sua medula. Ele morreu silenciosamente. Amparado pelo pequenino, o corpo permaneceu de pé. Simeão encostou-o com cuidado à amurada do píer e assegurou-se que ele permanecesse de pé apoiado por um bordão de madeira.

A distância até o convés passando pela prancha foi vencida rápida e silenciosamente. Só quando alcançou a proa foi visto pela sentinela. Este sacou e ergueu habilmente uma rapieira pirata, desferindo um golpe de ponta contra o pequenino. Simeão gingou o corpo para a direita e seu braço esquerdo subiu num ângulo certo rumo à jugular do marujo. A lâmina fria e mortal de Simeão bebia o sangue de mais uma vítima. Caso alguém olhasse de perto acharia estranho, pois os ferimentos deixados pela espada curva de Simeão não sangravam, pareciam intumescer e embolorar quase imediatamente, adquirindo uma aparência infecciosa e podre.

Desceu em direção às cabinas. No caminho teve de esgueirar-se entre uma dezena de marujos que dormiam em redes e colchões improvisados na parte inferior da proa para chegar até as acomodações dos passageiros. Teve sorte. Só uma das cabines estava ocupada. Abriu a porta lentamente... Dentro um elfo magro e negro como uma sombra noturna estava arqueado sobre outro. No momento Simeão diagnosticou apenas duas coisas: primeira, o outro sujeito estava morto, segunda, o homem negro estava com o tal medalhão numa das mãos. Simeão soltou uma praga e venceu rapidamente a distância que o separava do seu novo alvo, mas não foi rápido o suficiente. O elfo negro deu um passo para trás e desapareceu. Abraçado pelas trevas foi levado para outro lugar por um desses sortilégios malditos que os magos possuem. Simeão lamentou não ter sido hábil o suficiente, mas não lamentou tanto quanto sua falta de percepção para ver que o outro homem não estava realmente morto. Quando percebeu seu erro o sujeito estava contorcendo-se, ficando cada vez maior, enquanto pelos, presas e garras tomavam forma. Sua cabeça deu lugar ao crânio de um grande

lobo castanho. Simeão amaldiçoou sua sorte naquela noite e preparou-se para o pior: teria que enfrentar um maldito tessaldariano.

A criatura olhou para o pequenino com fogo nos olhos. Um único movimento seu, e as garras afiadas e mortais rasgaram a armadura leve e a carne de Simeão. As chances contra o lobisomem eram ruins. Simeão rolou sob as pernas do seu oponente e usou a escrivaninha como apoio para saltar sobre as costas do lobo. Puxou os pelos da cabeçorra do bicho para trás e com um movimento rápido da sua lâmina vazou um dos olhos da fera. No instante seguinte foi arremessado contra a mobília, destruindo-a em centenas de pedaços. O tessaldariano arremeteu contra o pequenino como um lobo avança sobre a lebre, seu ímpeto, porém, foi sua desgraça. Desequilibrou-se quando avançou e quase caiu, Simeão moveu rápido sua lâmina e, na ferocidade de abocanhar a presa, o lobisomem fechou sua bocarra sobre a espada curva encantada. A lâmina penetrou fundo no crânio do lobo e com um movimento rápido e preciso arrancou-lhe fora a cabeça.

Simeão, ainda tonto, olhou para uma dezena de piratas que invadiam a cabine agora. Não havia saída alguma no aposento exceto uma pequena janela, estreita demais para um homem passar. Sim, para um homem, mas não para um pequenino. Simeão saltou pela janela estilhaçando o vidro e as dobradiças. Caiu sobre o píer dando graças de estar do lado certo do barco, pois apenas depois do salto lembrou que nadar não estava entre suas vastas habilidades. Em seguida correu até encontrar a segurança dos becos escuros e úmidos.

Esta tinha sido uma noite realmente difícil, e ainda demoraria a terminar, pois agora — refletindo com clareza sobre a situação — pensou que poderia ainda encontrar o medalhão. Afinal, quantos elfos sombrios pode haver em Qessedir?

Aquela era uma cidade portuária. Muitos vinham ali com o desejo de passar despercebidos, mas quase nenhum conseguia. O porto de Qessedir era governado por habilidosas guildas de ladinos e nada fugia aos olhos atentos daqueles gatunos.

Simeão cobrou alguns favores e descobriu sem muita dificuldade onde poderia encontrar o elfo negro. Os "camaradas" davam notícia que o estrangeiro de pele exótica havia se refugiado em Porto Velho. Uma região repleta de prédios e galpões que foram destruídos por uma violenta cheia da maré anos antes. O poder das ondas devastou a enseada, e o porto nunca mais pôde ser reconstruído. Toda área comercial faliu e transformou-se num reduto de vilões e outros párias sociais. Agora o distrito do Porto Velho, em Qessedir, figurava como um dos piores e mais perigosos lugares para se viver de todo Tagmar.

Cerca de uma hora depois do incidente no Rainha, Simeão cruzava as ruas repletas de viciados e prostitutas do Porto Velho. Conhecia a fama dos elfos negros e já ouvira falar sobre eles muitas vezes: feiticeiros poderosos, argutos, megalomaníacos, xenófobos e, sobretudo, requintados e perfeccionistas. Sendo assim, não haveria em Porto Velho praticamente nenhum lugar que pudesse abrigar hóspede tão ilustre, exceto um.

A Casa das Fadas era um prostíbulo de classe e muito requinte. Sua proprietária, diziam, era um demônio do prazer e da arte de seduzir. Contavam também que a própria Fulvina, Senhora dos Prazeres, seria sua cliente habitual. Simeão conhecia a Srta. Penélope, uma "moça" de pelo menos quarenta anos que nunca havia casado. Senhora de um corpo — e um fogo — que matava de inveja muitas donzelas das cortes de vários reinos, onde as maravilhas da Casa das Fadas eram contadas à boca pequena. Dessas maravilhas, a mais conhecida era o boato que garantia existir ali prostitutas de todas as raças do Mundo Conhecido e de mais além. O próprio Simeão

— que não era cliente assíduo — já vira na casa elfas, pequeninas e até mesmo uma fêmea orco, que diziam ser muito solicitada...

Quando chegou, foi muito bem recebido — como todos que vão naquele lugar. Ofereceram-lhe mesa no salão luxuoso, um bom vinho tinto e uma travessa com cubinhos de queijo provolone, rodela de salame, palmito de açaí e azeitonas. Minutos depois, Simeão escolheu uma jovem meio-elfa, de aspecto perspicaz e inteligente, e foi para um quarto. Hora e meia depois a jovem, embriagada e bem motivada com dez moedas, contou o que sabia sobre o estranho elfo com pele de ébano que havia passado umas noite ali. Feliz, Simeão deixou a Casa das Fadas rumo a um dos lugares mais perigosos de Quessedir.

O Cais Negro. O elfo sombrio deveria ter muito dinheiro e influência. A existência desse cais era um mito. Sua localização era um segredo de morte reservado a um punhado de ladinos em Quessedir — e Simeão, felizmente, era um deles.

Não demorou muito para chegar ao local. O cais ficava na área do porto onde a cheia devastara com mais força. Ali haviam reconstruído um velho píer, que embora não permitisse a barcos de grande porte atracar, permitia que pequenos botes e balsas fossem carregados com produtos dos mais diversos tipos e levados para alto mar — onde eram acolhidos por embarcações maiores. Tal estratégia não era adequado a comerciantes idôneos, mas servia muito bem a toda sorte de operações clandestinas e ilegais.

O produto do mercado negro sempre embarcava no cais uma vez por mês, quando a lua cheia estava em seu auge. Para assegurar a segurança do negócio, os ladinos, além de capangas armados, dispunham de um artifício muito mais poderoso e criativo: a credence popular. Histórias devidamente semeadas de fantasmas, tessaldarianos sedentos de sangue e outros monstros terríveis e malignos permeavam toda região. É verdade que tal fama trouxe ao lugar, por vezes, grupos incautos de aventureiros. Contudo, os tais ou eram afugentados ou eliminados pelos vilões do local.

A sorte, ou destino, era que Simeão sabia de tudo isso, uma vez que boa parte havia sido planejada por ele mesmo. De fato, ser um membro sênior da maior guilda de ladrões de Quessedir às vezes mostrava ter algum valor. Assim, quando chegasse ao cais, esperava encontrar o elfo sombrio devidamente preso e amordaço pelos sócios da guilda — avisados previamente do caso por um pombo correio enviado por Simeão, e motivados pela promessa de boa recompensa. Porém, o quadro que encontrou era bem oposto: dos quatro capangas que enviou, três já estavam mortos e o elfo preparava-se para eliminar o último, no entanto, quando viu Simeão chegar mudou rapidamente de estratégia.

O sombrio sibilou palavras estranhas no seu misterioso idioma e submeteu o capanga totalmente à sua vontade. O tal, com uma fúria incontrolável, avançou para atacar o pequenino. O pequenino chegou a ter pena do infeliz, pois, se aquele coitado estivesse no total controle de seus atributos mentais jamais teria atacado Simeão, Lâmina Veloz, daquela maneira. Com uma esquiva e um rápido movimento de sua espada, o pequenino derrubou seu oponente.

O plano do elfo quase funcionou. No instante em que Simeão distraiu-se com o capanga, ele aproveitou para chegar ao bote e iniciar sua fuga. Mas, além de ágil, Simeão era muito perspicaz, e já viajara o suficiente pelo Mundo Conhecido para saber um pouco sobre magos e seus truques. O elfo sombrio em questão, por exemplo, não poderia ter enfrentado o tessaldariano no barco, então devia ter usado um feitiço de sono, por isso Simeão tomou-o por morto; depois fugiu usando uma mágica de teleporte ao invés de enfrentar uma luta contra o pequenino; agora, os

capangas mortos haviam sido abatidos por alguém com uma espada – e o elfo não tinha uma, portanto deviam ter sido mortos pelo mesmo capanga que lhe atacou. Magos... Simeão considerava quase todos uns estúpidos metidos a intelectuais, mas aquele elfo certamente era um dos mais capazes que ele já encontrara.

O elfo sombrio, vendo sua marionete cair facilmente aos pés do pequenino, entendeu finalmente que seu oponente não era um ladrão vulgar. E decidiu lançar sua última e mais feroz cartada. O mago tomou nas mãos três frascos de vidro belíssimos preenchidos com um líquido que lembrava vinho tinto. Jogou-os ao chão da embarcação, estilhaçando os refinados itens e espalhando o conteúdo pelo assoalho. Em seguida, tomou nas mãos uma adaga ritual com cabo e lâmina trabalhados, e com ela fez um profundo corte no peito. O sangue jorrou em abundância, e quando atingiu o chão misturou-se com o estranho líquido dos frascos. O mago negro gritou de dor e caiu de joelhos no barco, à beira da inconsciência. No entanto, da poça de sangue à sua frente três formas humanoides começaram a contorcer-se e ganhar forma. E em poucos instantes tinham dado origem a três elfos negros idênticos ao mago sombrio que as havia invocado. Os sócias olharam para Simeão com os olhos cheios de ódio e malícia, e prepararam-se para o enfrentamento.

Os novos inimigos levitaram suavemente do barco até o cais e pararam em volta de Simeão. O pequenino, surpreso com a habilidade do mago sombrio, começava a imaginar se poderia dar conta dos três sócias. Tivesse cada um deles pelo menos um terço do poder original do elfo negro, seriam inimigos formidáveis. Simeão avaliou suas possibilidades: fugir seria agora quase impossível, visto que estava cercado; enfrentar os três bruxos era a única possibilidade, porém precisaria de muita sorte para vencer tal embate. Derrubar os adversários não seria problema, mas não podia vencer os três duma vez e temia qual feitiço maldito eles pudessem lançar contra ele.

De qualquer forma, não havia mais tempo para bolar estratégias. Um dos bruxos ergueu os braços e começou a conjurar uma magia. Simeão, muitas vezes mais rápido que o oponente, escolheu esse como primeiro alvo. Lançou-se rápida e furiosamente em direção ao conjurador e sua lâmina encontrou o peito aberto do adversário, destruindo com facilidade o coração negro de sua vítima. Quando virou, o pequenino escutou o poderoso ribombar de um trovão e o raio mágico conjurado pelo segundo sócia o atingiu em cheio lançando-o a vários passos dali. Ainda tonto de dor, ergueu os olhos a tempo de ver a mais famosa magia arcana voar furiosamente em sua direção. A bola flamejante cresceu nas mãos do terceiro bruxo negro, maior que qualquer outra peripécia semelhante que Simeão tivesse visto na vida. Em instantes ele estaria perdido para sempre. Quando aquela magia estourasse, pouco restaria dele para contar história, ou mesmo do píer onde estava. Ele cerrou os olhos e não lamentou outra coisa senão que talvez fosse sentir falta da cerveja do porto.

Ouviu-se um estrepitoso som. As águas cresceram numa gigantesca torrente e dispararam na direção dos bruxos, sufocando a imensa bola de chamas e arrastando os elfos negros pelo píer aos trambolhões. Simeão voltou-se incrédulo a tempo de ver o mago Edreanor passar correndo.

– Levante-se, ainda não os derrotamos! Falou ele ao postar-se ao lado do boquiaberto pequenino.

Simeão riu da sua grande sorte e levantou-se, a tempo de ver um dos bruxos ser arrastado pelas águas evocadas por Edreanor e cair em meio às águas revoltosas do cais. O último bruxo, aturdido e desesperado, levantou-se para encarar seu novo oponente. Estava claro que não poderia enfrentar o habilidoso ladino e um mago elemental de capacidade tão ímpar quanto esse, que era capaz de mover tão gigantesca quantidade de água. Mas o sócia do elfo sombrio tinha as exatas

inteligência e percepção de seu criador, e sabia que a fuga de seu mestre era sobremodo mais importante que sua própria vida. Sendo assim, ponderou sobre seu próximo passo e então, obstinado e temerário, mesmo que significasse sua morte, lançou seu último e mais cruel encanto.

Ao perceber o elfo negro preparar-se para mais uma magia, Simeão avançou com rapidez mortal contra seu inimigo. Edreanor afastou seus mantos e passou ele mesmo a preparar sua contra mágica. O pequenino atacou veloz, mas não conseguiu derrubar seu oponente antes que ele terminasse seu encanto. De joelhos e prostrado no chão, o sósia, apesar de ferido mortalmente, sorria contente, pois percebera que sua maldição fora bem sucedida. Simeão, sem entender a razão do estranho contentamento do elfo moribundo, olhou para trás – e assim que viu a forma magra e humana de Edreanor contorcer-se de dor e loucura, compreendeu que agira tarde demais, e algo terrível aconteceria.

Edreanor lutou com todas as forças, debateu-se, urrou em desespero. Sabia que tipo de mal o elfo sombrio evocara sobre ele, mas nada pôde fazer. Impotente, contemplou cheio de dor e angústia o mundo ao seu redor tornar-se preto e branco, os odores do cais penetrarem suas narinas com tons e sensações milhares de vezes ampliadas. Estava perdido.

O pequenino aproximou-se com cuidado e descrença do lugar onde Edreanor estivera. Não tivesse o fato ocorrido bem debaixo dos seus olhos, jamais acreditaria, mas ali estava agora um pequeno gato negro de olhos grandes, verdes e cheios de perspicácia e inteligência.

Num átimo, Simeão lembrou-se contra quem, de fato, lutavam. Praguejando, correu até a ponta do píer e tentou divisar onde o elfo negro estava, temendo que ele já estivesse longe demais para ser alcançado, mas não acontecera assim. A magia que conjurara os sócias cobrou seu preço do elfo sombrio. Com a morte de seus asseclas, o bruxo negro jazia indefeso e totalmente esgotado dentro do bote em que embarcara.

Simeão usou uma corda para trazer o inimigo ao cais e, agarrando-o pelo colarinho, tomou-lhe o estranho medalhão. Sufocando em seu próprio sangue com olhos injetados de ódio e maldição, o elfo sombrio disse apenas um frase antes de morrer:

– Eles vão achar você e então pagará caro por essa afronta...

Simeão sabia que deveria voltar para a cidade e tentar desfazer-se da joia o quanto antes. Um artefato suficientemente precioso para arrancar um elfo sombrio do seu reino negro a milhares de quilômetros dali devia, certamente, conseguir um bom preço se vendido à pessoa certa. Mas sua intuição lhe dizia que aquele medalhão não devia voltar para as mãos de qualquer feiticeiro que fosse, e boa parte de ser um ladino consistia em dar ouvidos à sua intuição, coisa que ele aprendera desde muito cedo. De qualquer maneira, sabia que agora precisaria sumir de Quessedir por um tempo.

Assim, Simeão trocou de roupas com um dos capangas mortos, que também era um pequenino, e jogou-o na água. Sabia que os peixes se encarregariam de dificultar, ou mesmo – com um pouco de sorte – impedir a identificação do cadáver. Depois amarrou os pés do elfo negro à âncora do bote e deixou-o afundar nas águas escuras do porto. Se funcionasse como ele imaginava, todos passariam um bom tempo imaginando que o elfo matara todos os ladinos e conseguira fugir. Por fim, tomou o bote e o gato, e partiu ao encontro de um barco pirata que estaria ancorado ali perto. Dentro de alguns dias chegaria a Portis e, uma vez ali, encontraria um grupo de

amigos que poderiam ajudá-lo a descobrir que segredos aquele estranho medalhão de prata escondia.

Poucas horas depois Simeão, a bordo de um veloz barco pirata, com um belo sorriso no rosto e uma caneca da boa cerveja do porto na mão, viajava tranquilo e feliz ao sabor do vento. Aos seus pés um estranho gato negro de olhos verdes ronronava ao sabor da brisa. Naquele momento eles pouco sabiam sobre o precioso objeto que levavam consigo ou todo o poder destruidor que ele guardava.

O Círculo se Fecha

Por Airton França Diniz Junior

“O inverno deste ano promete... Ainda bem que amanhã estarei longe de tudo isso!”.

O pensamento lampejou na mente de Tanos enquanto ele erguia mais uma caneca de cerveja. A espelunca do velho Robam, àquela hora da noite e com o tempo que fazia lá fora, parecia anormalmente cheia. A tempestade de neve que rugia em Brual não espantara a clientela fiel do sexagenário taverneiro. Elas não eram incomuns no inverno do sul de Eredra, mas a daquela noite estava mais forte que o habitual.

Antes de pedir mais uma dose, ele já se decidira. Seria sua última caneca por aquela noite. Tinha de se deitar logo, pois o dia seguinte seria atarefado. Chamou a atendente, uma bonita jovem de cabelos escuros, corpo sinuoso e olhos negros, que ele nunca tinha visto por aquelas bandas e que despertara olhares cobiçosos em vários fregueses, inclusive nele mesmo. Será que o velho Robam estava dormindo com ela? E, a propósito, ele não vira o taverneiro no local naquela noite...

– Minha querida beldade, me veja mais uma cerveja, sim?

A jovem olhou-o profundamente e sorriu.

– Tem certeza de que quer beber mais uma, senhor? Não parece estar muito bem.

Tanos deu uma gargalhada. Encorajado pelos humores do álcool, estendeu suas mãos calejadas e tocou no braço da atendente. A pele dela era deliciosamente macia.

– Minha querida, como se chama?

Ela encolheu-se ante o toque daquelas mãos ríspidas e grossas.

– Arine, meu senhor.

Ele chegou-se à moça e falou com uma voz ébria e arrastada:

- Pois saiba, Arine... que não será uma simples caneca de cerveja que irá dar cabo de um homem como eu. Já sobrevivi a coisas muito piores... Fique tranquila. Agora me veja logo esta bebida que eu quero ir embora.

A atendente serviu a caneca do líquido espumante com uma expressão indecifrável no rosto e virou-se para atender outro cliente.

Rindo da atitude da moça, ele pegou o grande copo de vidro com certa dificuldade. Ela tinha razão. Já estava embriagado. Depois de tantas doses, até gestos simples requeriam um pouco mais de concentração. Levou o copo até a boca e virou num único gole, garganta abaixo. O líquido desceu lentamente provocando uma sensação de calor e prazer por todo o seu corpo.

A sensação lembrava vagamente a excitação que sentia quando ainda era um matador profissional, um assassino, um “sombra mortal”. Aquele calor que lhe percorria o corpo, a sensação de poder, de domínio, que aguçava seus instintos frente à vítima. Prazeres diferentes, mas igualmente inebriantes para ele.

Apesar de lembrar como se sentia, Tanos não era mais o mesmo. Estava ficando velho e cansado demais para esses antigos costumes. Cansado daquela vida, das mortes, das fugas, das faces pálidas e sem vida de suas inúmeras vítimas. Um dos únicos prazeres disponíveis naquela altura da vida, ele encontrava em alguns copos de cerveja nas noites frias e insípidas de Brual.

Como um dos "sombros", ele se tornara um dos mais habilidosos de todo o grupo. Conhecia segredos e informações que envolviam a podridão política de vários governos e membros da sociedade. Também sabia coisas demais da Guilda. Já dera cabo de um sem número de pessoas, importantes ou nem tanto. Escapara de inúmeros ardis e colecionara algumas cicatrizes profundas, tanto no corpo como na alma. Durante sua vida conseguira juntar uma quantia razoável que lhe garantiria uma velhice tranquila, se sobrevivesse para usufruí-la. E era o que ele pretendia a partir do dia seguinte. Resolvera dar um basta. Em segredo absoluto, arranjara um meio de partir na primeira caravana para Plana e lá iniciaria uma nova vida. Abandonaria os "sombros" e tudo o que se referia a eles. Fugiria para longe dos fantasmas que assolavam suas noites insones...

Resolvera comemorar a liberdade com uma última visita à taverna do velho Robam. Mas se excedera na comemoração.

Enfiou a mão no bolso e tirou algumas moedas para pagar pelas bebidas. Pegou duas delas ao acaso e depositou sobre o balcão de madeira. Sua vista embaçada o impediu de identificar a quantia exata, mas ele captou enquanto preparava-se para sair, o olhar espantado da atendente, suas mãos hábeis literalmente voarem para cima das moedas e sair correndo para o fundo do bar.

"Quantia a mais" – ele pensou dando de costas. Não faria falta.

Lá fora a tempestade de neve havia diminuído de intensidade. O frio nunca lhe agradara. Lembrava muito bem de quando visitou Conti, numa de suas viagens, muitos anos atrás. Suas andanças pelas noites agitadas de Muli e seu serviço como matador naquela cidade vieram-lhe a mente. Uma névoa triste cobriu seus olhos.

"Coisas do passado" – ele pensou. Ainda assim, lembrou-se, rindo, dos problemas que teve e de suas implicações nos seus hábitos até algum tempo atrás. Agora, viver ou morrer fazia grande diferença, algo que não pensava muito no passado.

No caminho até a porta de saída, ele teve a real noção de quão bêbado estava. Tudo parecia rodar à sua frente. Mesas, cadeiras, luzes e o próprio chão giravam constantemente. Seu estômago embrulhou. Apoiando-se por vezes em alguns clientes, ele venceu com dificuldade o caminho até a saída. Se seus superiores o vissem agora...

Empurrou a porta. A liberdade o aguardava.

O vento gelado pareceu despertá-lo por alguns instantes e enquanto vestia seu casaco marrom, percebeu que não conseguiria chegar a sua casa esta noite. Dotado ainda de algum resquício de lucidez, concluiu que deveria passar a madrugada na estalagem da velha Neage, próxima ao bar.

Enfiando os pés na espessa camada de neve que se formara, seguiu lentamente, munido de toda sua concentração para não escorregar ou tropeçar nas próprias pernas.

A noite estava escura e os ventos gélidos e cortantes não pareciam causar dano algum à atarracada silhueta masculina que permanecia, há algumas horas, envolta em seu casaco de pele de urso, de frente a taverna, observando todo o movimento.

Rogar era um anão forte e encorpado que fora condicionado a enfrentar qualquer tipo de temperatura adversa. No seu ofício, as viagens eram constantes e para as mais diferentes localidades. Ele poderia passar noites nas Geleiras ou dias nos desertos da Levânia e sobreviver utilizando-se de técnicas secretas, aprendidas durante seus anos

de duro treinamento. Seu vigor físico era notável e suas habilidades incomuns para alguém de sua raça, faziam justiça à sua ocupação.

Rogar era um assassino profissional de elite, um "sombra" especializado em eliminar "incômodos". Algumas pessoas sabiam demais, outras de menos, mas contrariavam gente muito poderosa. Ele era o mediador, o juiz e o carrasco entre as partes. Claro que a parte menos favorecida acabava sempre eliminada.

Ele se julgava o melhor na sua arte. Não conhecia os demais "companheiros" de profissão, mas sua soberba e arrogância eram ímpares. Sempre exigia os melhores contratos e os melhores pagamentos. Em sua empáfia, imaginava-se melhor até que Teo, o lendário e nunca visto líder da Guilda e em seus delírios egocêntricos, imaginava-se matando Teo e assumindo a chefia dos Sombras Mortais. Suas atitudes gritavam os desejos mais profundos de seu coração.

Mas antes tinha um contrato a cumprir. O sujeito com aparência de velho dentro da taverna seria sua vítima esta noite.

No contrato as ordens eram claras: uma morte limpa, sem resquícios ou pistas fortuitas. Sem testemunhas ou falhas. Tudo deveria parecer um acidente. Seu pagamento integral dependia disso. Pelo menos eram as palavras contidas no pergaminho que recebera há dois dias. A descrição da sua vítima era bem pormenorizada... Algo raro naqueles dias, mas ele não se importou com o fato. Até o local onde o mesmo morava fora fornecido. Tinha sido fácil para o anão localizar e seguir o humano até aquele local.

A porta do bar se abriu. Era seu alvo que partia cambaleante pela rua. O assassino saiu de seu esconderijo notando que tudo seria mais fácil nesta noite. O homem era alto e robusto, mas estava completamente bêbado, o que lhe dava uma grande vantagem. O que algumas doses consideráveis de álcool no organismo de um humano não faziam no mesmo...

Ele sabia que algumas canecas de cerveja eredri eram o suficiente para causar perdas importantes em algumas funções mentais como percepção de distância, agilidade e velocidade. Eram informações muito úteis para um exímio matador profissional como ele.

Movendo-se com grande destreza, o assassino se aproximou pela retaguarda. Seus olhos fixaram-se na vítima enquanto os outros sentidos se mantinham atentos à volta de seu perímetro. Os músculos contraídos estavam prontos para agir no momento certo. Seria bem rápido.

Aproximar sorrateiramente e surpreender...

Podia ouvir os passos vacilantes do homem e sua respiração ofegante.

E então, agiu.

Com grande velocidade atacou a vítima surpresa dando-lhe um potente golpe no joelho direito e imobilizando-a pelo pescoço quando esta vergou sob o peso da dor. Esta era uma técnica simples. Interromper a respiração até que seu oponente perdesse a consciência.

O homem tentou debater-se por um tempo, inclusive utilizando alguns golpes incomuns para sua pessoa, mas, além de embriagado, ele não tinha força suficiente para vencer seu algoz e Rogar tinha braços robustos que apertavam como um torniquete. Pouco tempo se passou e o velho bêbado desabou inconsciente. Seu rosto chocou-se violentamente contra uma parte de chão descoberto provocando um corte na testa.

O assassino olhou em volta.

Ouvia apenas vozes vindas do interior da taverna. Ninguém se atrevera a sair naquela madrugada fria com uma tempestade de neve ainda caindo. Agachou-se sobre a vítima e a posicionou de costas no chão. Com uma das mãos ele raspou o chão coberto por uma fina camada de neve até juntar uma quantidade razoável ao lado do desafortunado homem. Logo depois, abriu a boca do bêbado o máximo que conseguiu. Lentamente foi enfiando a neve amontoada pela garganta do velho até preencher cada espaço vazio.

Era sua técnica mais fina. A morte branca...

Ela consistia em bloquear a respiração do alvo até que este morresse asfixiado. A neve iria interromper suas vias respiratórias tempo suficiente para matá-lo. Logo depois, o calor que ainda restaria no próprio corpo lentamente derreteria qualquer vestígio de neve em sua garganta.

Era a morte limpa que seu contrato pedia. Dinheiro fácil de ser ganho.

Levantou-se e rapidamente e começou a preparar o cenário para dar a falsa impressão de acidente. Ninguém iria suspeitar de um bêbado que tropeçara, batera a cabeça no chão, desmaiara e se asfixiara com a cabeça enfiada em alguns centímetros de neve.

Ele, entretanto, logo estaria longe dali, provavelmente iria para o sul de Ludgrim. Agrimir era um local tranquilo e isolado.

Olhou novamente para sua vítima. Quem será que ele era?

Numa fração de segundos, algo inesperado aconteceu. Sentiu uma dor aguda no pescoço, bem no local descoberto de seu casaco. Levou as mãos, por puro reflexo até o local da dor.

Uma expressão de horror tomou sua face.

Seus dedos tocaram um minúsculo dardo profundamente encravado em sua pele amorenada. Tentou girar o corpo para localizar o agressor, mas quase instantaneamente seu corpo endureceu e seus músculos não mais obedeciam aos seus comandos. Sua respiração se tornou difícil, seu coração bateu mais rápido e parecia querer explodir dentro do seu tórax. Seus olhos vidraram e ele tombou.

Antes que atingisse o chão, seu corpo estava morto.

Uma silhueta emergiu agachada, das sombras do fundo de uma pequena viela que saía dos fundos da taverna. Estava envolta em um volumoso casaco branco e em suas mãos carregava um pequeno tubo cilíndrico feito de madeira. Na semiescuridão de seu refúgio ela observou o corpo do anão desabar sobre o do velho bêbado da taverna.

Estava feito. O alvo fora eliminado.

Missão executada. Levou a mão ao pergaminho que continha as instruções detalhadas do que deveria fazer para que pudesse adentrar à Guilda. Elas haviam ordenado a morte da vítima a qualquer custo. E isto fora realizado. Fácil até. Suja? Sim, talvez, porém precisa.

Um discreto sorriso iniciou-se na face do algoz enquanto guardava sua arma de sopro. Ele retirou a máscara branca e jogou para trás o capuz do casaco revelando uma jovem e feminina face branca e aveludada, de traços leves, olhos negros e cabelos escuros. Ergueu-se. Seus contornos sinuosos se desenharam em sombras voluptuosas

nas paredes. A tempestade ainda lavrava, mas amenizara um pouco mais. Ela voltou seus olhos para sua sombra e recordou-se dos olhares cheios de luxúria que a acompanharam durante toda a noite, na taverna. Lembrou também da conversa que tivera com o bêbado.

“Minha querida, como se chama?” – Ele perguntara.

“Arine, meu senhor”. – ela mentira.

Sorriu. Poucas vezes tinha se permitido sorrir como fazia agora. Se soubesse, se tivesse imaginado que a missão seria tão fácil assim, não teria perdido a noite de sono anterior. Havia conseguido ludibriar o velho sexagenário dono da taverna para que a contratasse como atendente já que o alvo de seu alvo frequentava aquele lugar, conforme lhe dissera as instruções no pergaminho. Uma pequena promessa de uma noite cheia de prazeres convenceu o idoso a lhe arrumar o emprego. Homens... Tão fáceis de serem manipulados.

Agora ele se encontrava rígido e inerte no depósito nos fundos de seu estabelecimento. Ela assumira a função de atendente até a vítima de seu alvo sair da taverna, totalmente embriagado. Ele ainda a presenteara com duas moedas de prata colocadas erroneamente sobre o balcão. Saiu rapidamente pelos fundos e se posicionara na saída da viela. Quando dessem por falta dela e do dono da taverna ela já estaria longe dali.

Preferiu usar sua arma de sopro a confrontar diretamente seu objetivo. Algo mais sutil, como um verdadeiro assassino o faria. O veneno que o dardo levava era sua mais nova descoberta. Rápido, fulminante e desaparecia em pouco tempo.

Enfiou a mão no bolso de seu casaco e retirou uma garrafa de vinho de Conti. Uma última recordação do velho Robam. Deu um grande gole. Absorvia o momento de prazer que sentia a cada missão terminada com sucesso. E esta ainda era a mais importante de sua curta trajetória de assassina em Eredra. Abrir-se-iam portas nunca antes imaginadas. Só tinha mais uma coisa a fazer. Tirar o anel do dedo do anão e colocar num local pré-estabelecido no contrato.

Pensou ouvir algo se aproximando, mas nada tiraria sua concentração do prazer que estava usufruindo, da agradável sensação de se sentir valorizada, de se sentir importante.

O vento trouxe um odor estranho. Em seus treinamentos ela fora instruída para reconhecer cheiros, mas o aroma do vinho lhe impregnava as narinas. Respirou fundo mais uma vez e então percebeu, tarde demais, que odor era aquele.

Suor misturado à aguardente eredri de péssima qualidade.

Uma mão pesada pousou sobre seu ombro esquerdo fazendo gelar seu abdome e tencionando os músculos. Seu coração disparou.

Ela soube que cometera um grave e fatal erro. “Estúpida! Idiota!” Um sem número de imprecizações varreu sua mente.

Entregue ao seu destino, relaxou os ombros e lentamente virou o rosto buscando visualizar seu executor.

Surpreendeu-lhe ver um velho barbudo e maltrapilho encarando-lhe, cambaleante, e dizer, com os olhos bem vermelhos:

– Dá um trago, dona?

Ela suspirou profunda e longamente e deu a garrafa inteira.

Enquanto tomava um gole do vinho que a moça havia-lhe dado, Teo pensava o que iria fazer. Dois empecilhos eliminados. Ela era descuidada e pouco experiente, mas tinha a história do novo veneno. E aquele corpo...

Noite de Prazeres

Por Lucas Amaro da Costa

– Por que é tão difícil achar uma estalagem decente nesta cidade? – Indagou indignado Arântis, enquanto caminhava pela rua. Sua mão encontrava-se alerta sobre o punho de sua espada de mão e meia.

Já era tarde e, como todos sabiam, nenhuma cidade era segura à noite. Por isso, ele tratou de apressar o passo, mas algo chamou sua atenção. Havia uma mulher parada há alguns metros à frente e estava sorrindo para ele.

– Creio que agora achei um bom lugar para passar a noite... – Murmurou o espadachim para si mesmo, exibindo um sorriso.

A bela jovem pareceu escutar o que fora dito, pois deu uma pequena risada encantadora e desapareceu por uma porta. Arântis seguiu-a.

O lugar era pequeno, provavelmente uma taverna ou estalagem. Havia algumas mesas e cadeiras espalhadas, um pequeno balcão num canto e, ao lado, uma escada. Alguns pequenos barris estavam dispostos atrás do balcão, dos quais os odores de cerveja e vinho enchiam o ar.

Havia três jovens. Uma recostada em uma cadeira e duas sentadas em cima do balcão.

– Bem vindo à taverna Três Irmãs. – Disse uma delas, com um generoso sorriso no rosto. – O que um guerreiro tão belo quanto você deseja em nosso estabelecimento?

– Bem, desejo um copo de vinho, uma refeição simples e uma boa cama para passar a noite. – Respondeu o espadachim.

– Logo trarei sua refeição e o vinho. Pedirei para que Heliane arrume um quarto para você. – Disse a que parecia ser dona do lugar.

“Os momentos de aguardo não serão desperdiçados”, pensou Arântis ao ver que a jovem que o chamara para dentro da taverna agora vinha em sua direção.

– Olá, viajante. – Ela se sentou ao lado dele. – Tem uma bela espada, guerreiro. Posso vê-la?

O espadachim fitou-a, e assentiu. Ele se ergueu da cadeira, e desembainhou a arma.

A mulher segurou o punho da espada e ergueu-a. – É pesada. É de Mão e Meia? Arântis assentiu mais uma vez. – É muito bela, mas não tanto quanto seu portador. – Elogiou ela com um leve sorriso, devolvendo arma. – Me chamo Arianna.

– Estou honrado em conhecê-la, tens um belo nome. – Ele fez uma reverência e sorriu. – E quem sabe talvez seja de seu desejo... que eu aprecie um pouco mais desta beleza em meu quarto. – Sugeriu ele.

A mulher apenas sorriu e o deixou, voltando momentos depois com o pedido.

– Espero que goste. – Disse ela com uma pequena reverência.

O guerreiro agradeceu e começou a comer.

Logo após terminar sua refeição, ele se levantou.

– Bem, irei para o meu quarto. Amanhã a viagem será longa. - O seu olhar foi para Arianna, que sorriu. – Senhorita, você poderia me levar ao quarto?

Ela assentiu e indicou para que ele a seguisse, e parou na primeira porta à esquerda.

– Venha, entre.

Era um recinto pequeno e simples, com apenas uma cama, uma janela e dois pequenos móveis, um com uma vela e o outro para pôr os pertences dos viajantes.

– Obrigado.

Em seguida, o guerreiro pediu para que Arianna o ajudasse a retirar sua cota de malha, explicando onde ficava o fecho.

A mulher retirou a pesada cota de malha, que desabou no chão num estrondo.

Arântis tornou a agradecer e desafiou seu cinto de couro, deixando-o em cima do móvel, junto de sua espada. Então, caminhou na direção da jovem.

– Tolo. – Falou ela, e sua voz mudou repentinamente. Com uma força absurda, envolveu Arântis em seus braços. Ele começou a ficar vermelho.

– Droga! – gritou ele

Numa tentativa desesperada de libertar-se, o espadachim recuou para trás, chocando-se contra a parede. A mulher afrouxou o aperto, Arântis libertou-se de seus braços e correu até sua espada, desembainhando-a.

– O que é você?! - Não fazia sentido, por que ela havia tentado matá-lo?- Responda!

A aparência da jovem começou a mudar, enquanto ela ria tenebrosamente: asas de morcego surgiram em suas costas, e chifres em sua testa.

– Uma súcubus! – Respondeu sua própria pergunta, assustado.

Arântis demorou a descobrir a sua verdadeira forma. Ela se levantou e investiu furiosamente em sua direção. Felizmente não era tarde mais. Ele foi mais rápido. Ergueu a lâmina e desferiu um único corte para baixo.

A súcubus gritou e logo em seguida caiu no chão, morta.

O espadachim correu até a cota de malha e o cinto. Colocou-os sobre o ombro. Não havia tempo para vesti-los adequadamente.

Correu até a porta, ouviu passos desajeitados lá embaixo. O guerreiro fez menção de descer, mas parou no final da escada.

As outras duas irmãs subiam a escada rapidamente, já nas verdadeiras formas.

– Que Blator me projeta! - Exclamou, e desceu a escada, investindo contra os dois seres.

Infelizmente, para ele, estava em grande desvantagem. Não estava usando armadura. Era difícil golpear naquele espaço e daquela forma, e suas pernas ficavam expostas.

As duas pareciam saber de tal fato, pois enquanto uma o atrapalhava, a outra puxou-lhe a perna esquerda, fazendo-o perder o equilíbrio e cair.

Quando ele chegou ao chão, a dona da estalagem pulou sobre o espadachim e afastou sua espada para longe.

Mas Arântis foi rápido, acertou-a em cheio com um soco na lateral da cabeça. Ela rolou para o lado, inconsciente.

O espadachim se levantou, e pegou sua espada, ficando em guarda.

– Apareça, monstro! Matarei você como matei sua irmãs! - Provocou.

Ela saltou de trás do balcão, a mão tomou a forma de uma garra que ela cravou facilmente nas costas do guerreiro.

Arântis urrou de dor e se virou, girando a lâmina num golpe lateral que decepou a cabeça da súcubus.

– Obrigado, grande Blator! - Berrou o espadachim, erguendo a arma ensanguentada.

Ao lado do homem, a dona da estalagem se moveu.

Ele não tinha muito tempo até que ela despertasse. Por isso, começou a derrubar as velas do lugar, levou uma até o segundo andar e ateou fogo nos colchões de palha. Após ter feito isso, desceu rapidamente, logo toda a taverna estaria em chamas.

Arântis permaneceu em frente à taverna por um bom tempo. Agora todo o estabelecimento ardia em chamas. E lá ele ficou até se certificar de que não haveria como algo sobreviver dentro do antigo estabelecimento.

Minutos depois Arântis desapareceu furtivamente dentro da escuridão da noite. Afinal, ainda havia muitas belas jovens, tavernas e estalagens por toda a cidade.

A noite só havia começado.

Sobre o Sangue da Arena

Por Claudiney Martins

A escrava untava o seu corpo com um aromático óleo. Endro. Este era o nome daquele franzino arbusto do litoral de Eredra que dava um fruto de gosto amargo, mas tinha a semente cheirosa, e segundo a tradição volin dava força extra para os guerreiros. Em um esporte - como os volins chamavam aquele absurdo derramamento de sangue - que tinha todos os cuidados em não permitir que magia fosse empregada em combates que não fossem mágicos, aquele óleo era uma surpresa. Não que Miro de Verrogar acreditasse realmente no poder creditado ao óleo untado, mas não podia negar que se sentia mais disposto após aquela massagem, e isto era importante para alguém que fosse lutar na arena da cidade de Itéria. Olhou para a bela escrava de cabelos negros, lisos e longos e que volta e meia lhe tocavam seu corpo. A massagem também lhe deixava disposto para outras coisas, mas seria um desperdício de energia naquele momento.

Censurou-se. Como podia pensar em algo assim quando estava condenado à morte? Não esperou que a escrava terminasse de massagear as costas e virou-se. Ela dirigiu-lhe um olhar inquiridor. Estava ali para servir ao guerreiro em qualquer de seus desejos. Ele ignorou a jovem e olhou para o teto de pedra da sala privada onde os mais famosos guerreiros de arena haviam passado antes da glória ou da morte. Para ele não havia dúvida, fora condenado à morte. Por três vezes enganara o enviado do Deus Cruine, mas hoje seria difícil. A escrava voltou a besuntar Miro, agora em seu tórax, em nenhum momento abriu a boca. Naquele quarto e naqueles momentos ele era amo e senhor e pela tradição ela não poderia dirigir a palavra ao guerreiro.

Lá fora outro combate chegava ao fim com os gritos de angústia e dor do derrotado. As cenas do seu primeiro combate lhe vieram a cabeça...

Foi a sua primeira passagem por uma arena volin. Ele foi colocado em uma cela em que dez condenados esperavam a vez de enfrentar a sua sentença. Miro foi quase o último a sair de lá. Quando quatro fortes volins vieram buscá-lo, suas pernas tremiam e uma tremenda vontade de urinar lhe ocorreu. Ele foi vestido com um arremedo de armadura de couro, e uma pequena espada de estocada foi posta em sua mão direita, a espada eredri. Um bracelete de ferro que cobria todo o seu antebraço esquerdo lhe servia de escudo. Desta maneira ele foi empurrado para a arena. Assustador foi ver quem era o adversário: um enorme orco denominado Truu Esmaga Cabeças. Miro viu-o justificando o seu epíteto, isto é, com os pés sobre a cabeça da sua última vítima. O verrogar havia conhecido a fama do orco na escola de guerreiros de arena. Antes do combate iniciar foi obrigado a ir até a tribuna de honra cumprimentar ao Portentã. Tinha esquecido o que dizer e ficou calado. Pensou àquela hora que o Mestre Tovi estaria furioso com ele.

As cornetas tocaram e o combate começou. O orco avançou imediatamente armando o golpe de seu mortal machado. Mas a luta não foi rápida como a criatura imaginava. Não acabou no seu primeiro golpe, nem no segundo. O orco deu inúmeros golpes no ar e Miro conseguiu esquivar-se de todos. Venceu o combate graças a sua agilidade, ao cansaço do adversário que havia combatido algumas vezes antes e a sua capacidade de encontrar um ponto vulnerável na armadura do adversário, que permitiu que ele estocasse a sua pequena espada algumas vezes, enfraquecendo e se tornando descuidado. A multidão que no início gritava: "Esmaga! Esmaga!"; depois do

segundo golpe de Miro ficou em silêncio para depois saldar o novo vencedor com entusiasmo. Ele tinha vencido o combate, mas não teria perdão, sua pena de morte ainda seria executada.

...

Ermani entrou no aposento sem bater. Ele era o único que podia fazer isto sem correr o risco de ser morto imediatamente por Miro. O velho e corpulento Lunense era um antigo militar, que em fuga da Peste veio parar em Eredra - onde outro tipo de flagelo ocorria. Todavia a ocupação bárbara volin não foi maléfica para o exilado, muito pelo contrário. Ermani logo se tornou um combatente famoso nas arenas volins, fez fortuna e teve a inteligência de parar antes que a má sorte o atingisse. Montou uma escola de guerreiros de arena e voltou a ganhar muito dinheiro. Hoje vivia coberto de prata e ouro e seu passatempo preferido era comer.

- Como está? – perguntou com estranha suavidade. Aquilo era falso vindo de um homem que costumava trocar poucas palavras com seus alunos, exceto nos treinos onde os chingava o tempo todo.

Miro empurrou a escrava fazendo um sinal para que ela parasse com as massagens e deitou-se de lado. Ajeitou a toalha para cobrir o seu quadril.

- Tão bem quanto é possível para um homem que vai morrer.

O velho puxou uma cadeira do canto e acomodou o seu enorme corpo, Miro temeu que ela não aguentasse. Lembrou-se da primeira vez que viu aquele homem. Foi após ser condenado à morte por quebrar o nariz de um capitão volin, um Vei-Portentã como eles chamam. Naquele dia ele pensara em fugir da academia, a Companhia como era chamada. Dar um jeito de abrir a cela onde dormira foi questão de tempo, mas ele encontrou o velho antes de pular o muro, com um porrete na mão e dois guardas ao lado, sorrindo.

- Você demorou verrogari – disse ele. – O baixinho de Dantsem conseguiu sair da cela dois dias atrás.

- Ele conseguiu? – perguntou Miro enquanto tentava encontrar um meio de escapar.

- Está na cozinha – respondeu ele, caminhando em sua direção.

Por duas semanas Miro conheceu a cozinha, que nada mais era que uma cela escura onde ele passava o dia como ajudante do cozinheiro, descascando legumes, limpando animais e peixes e limpando pratos e panelas enquanto recuperava-se dos ferimentos daquela noite. Quando teve contato com o pessoal mais velho na Companhia soube que era besteira tentar fugir, pois era difícil evadir-se da academia e se porventura conseguisse, seria improvável que escapasse da caçada que se seguiria. Aí a morte era certa, mas de maneira lenta e muito dolorosa. Os volins faziam questão de capturar os fugitivos vivos.

- Tentei rever o seu combate – disse Ermani, trazendo os seus pensamentos de volta ao presente - mas você foi bater logo no sobrinho do Tu-Portentã de Itéria... Meu pedido foi negado e você terá que lutar mesmo com Tongolte Decepa Braços.

- Tu-Portentã? O que é isto? – apesar de estar ali há quase um ano, não conseguira aprender os títulos daquele povo considerado bárbaro.

- É um general que finge governar. Estes volins não gostam de burocracia, então eles sentam em suas cadeiras e perguntam para um eredri o que devem fazer. O importante para eles é que as moedas entrem em seus sacos.

Miro olhou para as pulseiras de ouro do lunense, sorriu com o pensamento que não eram só os bárbaros que gostavam de moedas, muitas moedas.

- Você pode rir – falou Ermani, um pouco irritado - mas lutar contra aquele volin louco é muito mais difícil que as duas vezes que enfrentasse a morte. Já vi homens bem mais fortes que você serem derrotados sem muito esforço pelo Decepa Braços.

- Duas vezes? – gritou Miro, sentando-se sobre mesa de massagem. – Você sempre esquece aquele urso cinzento.

Foi a vez de Ermani sorrir.

- Ele era velho e cego. Eu lhe avisei!

Aquela tinha sido a quarta e última luta até aquele momento e já fazia um bom tempo, pois fora antes da época da sementeira. Os torneios paravam nesta época e Miro ficou vários espetáculos depois disto sem lutar. Os volins tentavam encontrar uma maneira de matá-lo antes de terem que o perdoar, provavelmente por influência do tal Tu-Portentã. Pela lei volin, após cumprir o número de lutas a que fora condenado, o réu era perdoado e escravizado eternamente, o que eles davam o curioso nome de Escravos de Cruine. Ele seria vendido e teria que trabalhar o resto da vida em alguma fedorenta tinturaria ou limpando algum estábulo de hospedaria.

A segunda luta, não foi exatamente uma luta...

Viera a ordem de executar Miro no dia do espetáculo. Ermani, que acreditava ter encontrado um novo astro, ficou desesperado e tentou “rever” a escala de luta, mas não teve tempo de contatar seus bárbaros conhecidos e o verrogari teve seus pulsos amarrados a um poderoso baio que fungava impacientemente por correr. Os espectadores protestaram, pois Miro tinha se tornado conhecido como o Matador de Orco e ganhado a simpatia dos espectadores. O velho sussurrou no seu ouvido:

- Sua única chance é deslizar com os pés à frente e derrubar o cavalo na hora certa. Que Cruine não te queira.

Miro não sabia do que o seu instrutor estava querendo dizer, mas resolveu seguir a ordem. Quando o cavalo começou a correr, ele jogou-se no chão com os pés para frente. Só Blator sabe dizer o quanto isto foi difícil e Miro não gostaria de tentar de novo. As cordas se esticaram e os braços foram puxados com tanta força que ele achou que seriam arrancados. O corpo tendeu dar um giro, mas o ex-Leão Rubro manteve-se firme, mesmo tendo suas costas e nádegas dilaceradas pelo chão de terra. Ainda teve presença de espírito o suficiente para observar o rumo que o cavalo tomava. O bicho era ensinado e sem condutor seguia direto para a “cerca”, um amontoado de estacas de madeira pontiagudas que já estavam cobertas de sangue. Miro esperou o momento certo, quando o baio baixou a cabeça para saltar ele firmou os pés no chão e deu um puxão nas cordas. O cavalo perdeu o passo e caiu de barriga na “cerca”. O verrogari teve a sorte de esbarrar nas costas do cavalo empalado. No final teve apenas um ombro deslocado e uma panturrilha perfurada. Passou três semanas na cozinha e logo estava treinando novamente.

A arena ficou em silêncio e depois o público berrou o seu nome. Em condições normais ele seria perdoado e poderia viver o resto de sua vida como Escravo de Cruine longe daquela carnificina. Agora ele sabia que isto nunca aconteceria, pois queriam que ele morresse ali.

...

Sua terceira luta foi armada por Ermani. Um volin de um clã rival aos que ocupam Eredra foi condenado por espionagem e roubo. Não era um adversário à altura, ficou logo evidente. Pelo bem do espetáculo Miro fez com que a luta durasse um pouco mais, e aniquilou o adversário com um golpe preciso.

...

Com o urso não foi tão fácil quanto contra Truu Esmaga Cabeças.

- Ele é cego do olho esquerdo! – avisou Ermani quando ele entrava na arena. Já tinha lhe dito que era uma luta arranjada e que seria fácil.

No final tinha perdido a armadura, tinha arranhões profundos no tórax e no braço esquerdo e algumas costelas quebradas, mas estava vivo e vencedor. Ganhara um novo epíteto: Matador de Feras; a admiração do público e dos companheiros; e era também o campeão que Ermani não tinha um há muitos anos.

...

- Velho e cego do olho esquerdo – desdenhou Miro. – O animal era forte como um jovem urso e sabia que eu estava do seu lado esquerdo pelo cheiro. Quase morri.

Os dois sorriram, mas ficaram em silêncio que logo foi quebrado. Ermani sabia que tinham pouco tempo.

- Gosto de você, verrogari – disse ele para a surpresa de Miro, que não pôde deixar de desconfiar que ele gostasse realmente era da atenção que a Companhia de Ermani conseguia com o sucesso que ele estava tendo. – Se venceres, eles terão que lhe dar o perdão e poderás escolher se queres ser vendido para algum mercador ou se queres ser meu escravo, lutando os nossos gloriosos combates na arena em honra aos filhos de Blator.

Miro estava pronto a responder que preferiria trabalhar com a urina nas tinturarias que voltar a lutar, mas se conteve. Não iria irritar o velho. Lutaria com fervor, mas não acreditava que venceria o maior guerreiro das arenas de Eredra. Ermani adivinhava os seus pensamentos.

- Não responda agora. Depois da luta conversaremos.

O velho se levantou com o vigor de quem tinha vinte anos e trinta quilo a menos.

- Você acredita que eu possa vencer?

- Sim – disse sem vacilar enquanto encaminhava-se para a porta, – se não entreres derrotado na arena.

Duas belas escravas ajudaram-no a vestir a pesada armadura. Hoje lutaria com as cores e armas dos Leões Rubros, a guarda de elite do rei verrogari, honra a qual ele tinha recebido após uma batalha em Dantsem. Quase no final deste combate o rei apontara para ele e dissera alguma coisa para o general que estava ao seu lado. Dois Leões Rubros vieram ao seu encontro e levaram-no para o acampamento da guarda. Em poucas semanas estava usando a púrpura e o dourado e lutando em uma das melhores tropas de todo o Mundo Conhecido.

Enquanto caminhava pelos corredores, recebendo o cumprimento dos outros guerreiros de sua Companhia e o olhar respeitoso de todos aqueles que sabiam o que ele iria enfrentar, seus pensamentos voltaram para a viagem que o trouxe a Eredra e conseqüentemente àquela arena. Quando partiu de Treva, a capital de Verrogar, ele era um dos dezenove outros Leões Rubros que protegiam a irmã de Attos II. A princesa se internou na sede da Ordem do Deus Sevides e sua guarda foi enviada de volta a Verrogar. Na viagem pararam na capital de Eredra, Iteria, e Miro teve a má sorte de, bêbado, encontrar com um militar volin e se desentender com ele. Azar maior era este militar ser o filho de um importante líder do povo invasor.

Dobrou à esquerda e com poucos passos alcançou um grande portão de grossa madeira. Ali o barulho da multidão que ocupava todo o envoltório da arena era mais audível. Pela primeira vez ele faria a luta principal, e com certeza teria os espectadores contra ele. A plateia era em sua maioria formada de volins: homens,

mulheres e crianças. Os eredris não gostavam dos espetáculos, mesmo assim havia um grande número deles ali. Muitos se obrigavam a vir assistir para agradar seus chefes e garantir seu emprego ou seu negócio. Para um volin, não gostar dos seus "jogos de guerra" era uma ofensa. Como Iteria era uma importante cidade mercantil, o número de estrangeiros era bastante elevado e eles vinham pelos mesmos motivos dos eredris ou mesmo por gostar da carnificina. Porém, uma coisa era comum a todos: eles preferiam os vencedores e iriam torcer por Tongolte.

O portão se abriu e Miro Matador de Feras entrou na poeirenta arena de chão batido. Manchas escuras pontilhavam toda a arena. Sangue e todo o tipo de imundice animal. Apesar de a arena ser limpa depois de cada combate, estes sinais de carnificina permaneciam.

Do portão que ficava exatamente do lado oposto da arena saiu o guerreiro volin conhecido por Decepa Braços. Seu tamanho era assustador mesmo para Miro, que tinha um porte acima da média. Seus olhos negros irradiavam algo. Além de forte o guerreiro parecia inteligente. Este guerreiro Miro não conseguiria derrotar como fez com o orco, ou seja, provocando sua ira.

Os dois caminharam até o centro da arena. Miro aproveitou para examinar a armadura do gigante. Uma cota de malhas cobria seu tórax e abdômen, mas não os braços que tinham apenas algumas faixas de couro e braceletes. Era um ponto fraco a ser explorado. As pernas eram cobertas até a altura do joelho por couro. Seria pouco provável que o corte de sua longa espada conseguisse furar ele. Uma estocada naquela região era uma manobra bastante difícil. Caneleiras de metal escuro, provavelmente ferro, protegiam a parte de baixo das pernas e os pés. O guerreiro não deveria ter muita mobilidade. Os dois trocaram olhares. Tongolte Decepa Braços não escondia o prazer sádico que sentia ao entrar naquela arena para matar.

Seguiram então lado a lado até a tribuna, onde Miro reconheceu entre outras autoridades o Vei-Portentã. Não conseguiu reter um sorriso ao ver o nariz achatado do rapaz.

- Que Crezir nos dê uma boa luta e uma boa morte – berrou Tongolte, o que foi repetido por um volin na tribuna, sentado em um cadeira que o destacava dos demais.

Miro tinha-o visto em outra oportunidade e o reconheceu como o Portentã Veinor devido ao seu dente negro.

- Que Palier proteja os seus filhos – berrou Miro. Sabia que algumas coisas não deviam ser ditas naquele momento. Porém, eles queriam matá-lo, então porque deixar as coisas serem tão doces para eles?

Veinor Dente Negro não repetiu a saudação e a arena ficou em completo silêncio. Tongolte virou-se e encarou-o surpreso.

- Palier? – perguntou o líder dos bárbaros invasores, visivelmente irritado. – O deus dos elfos?

- E dos magos – respondeu Miro olhando para um sujeito em pé no canto da tribuna. Ele sabia que o homem era um dos magos responsáveis por detectar a magia entre os combatentes e impedi-la de ser usada.

- Você é mago?

- Não, senhor. Mas meu pai era.

O Portentã olhou-o com intensidade, como se desta forma pudesse arrancar a verdade do verrogari. Por fim sorriu mostrando o grande dente escuro.

- Então - berrou ele - que Palier proteja os seus filhos... Exceto elfos.

O público gostou e vibrou com aquilo. Os dois combatentes deram as costas à tribuna e se encaminharam para o centro da arena. Tongolte olhou com um ódio que Miro não entendeu. Estaria com inveja da atenção extra que ganhara do Portentã?

A luta começou com o sopro da corneta. O volin partiu para cima dele imediatamente. Usava uma grande e pesada espada que Miro não teve coragem de aparar por temer pela integridade da sua própria. O primeiro golpe passou pelo lado esquerdo dele que tentou contra-atacar imediatamente. Sua espada procurou o braço esquerdo de Tongolte mas, surpreendentemente o bárbaro interrompeu o golpe com sua espada. Os dois se entreolharam, Miro surpreso pela velocidade, Tongolte com um sorriso alegre.

- Pronto para morrer, verrogari? - perguntou o volin enquanto se estudavam.

Miro nunca tinha visto ninguém tão rápido, ainda mais com aquele tamanho. Logo foi posto em total defensiva, só escapando dos rápidos golpes devido a sua rapidez em esquivar-se. Percebeu que sua chance era cansar o adversário para só então tentar atingi-lo. Passou a lutar desta forma, tentando guardar suas energias e esperando que devido ao tamanho do adversário o cansaço o incomodasse primeiro. O combate foi se alongando. O barulho predominante era o de espadas cruzando o ar no vazio e delas contra o escudo. O público que primeiro gritava entusiasmado silenciara e, a não ser pelos berros isolados de incentivo ao volin, não se ouvia nada. Para desespero de Miro, Tongolte não apresentava sinais de fadiga e ele já sentia o peso de sua espada. Um golpe do Decepa Braços e seu escudo ficou imprestável. Desvencilhhou-se dele e atacou com fúria, um ataque desesperado. Conseguiu apenas arañhar o braço direito do volin que contra-atacou imediatamente e acertou-o no tórax com a lâmina.

Miro perdeu o fôlego e deu alguns passos para trás. Tongolte sorriu, mas não partiu para o ataque, perdendo uma boa oportunidade de acabar com a luta. O verrogari odiou-o por isto, acreditando que o adversário queria prolongar a luta para o seu deleite ou para ter a oportunidade de cruelmente arrancar com golpes precisos os braços de Miro. Isto só seria possível quando ele estivesse exausto. Ele aproveitou a distância que havia ficado entre os dois para olhar para o local do impacto. Vários anéis de sua cota de malha haviam se rompido mas, ele não havia sido atingido pela lâmina da espada.

Os dois voltaram a se estudar. Em posição de guarda, caminhavam ao redor de um ponto imaginário que ficava entre os dois. Os calçados erguiam a poeira seca do chão. O público havia levantado, sentindo que a luta chegava a um momento crucial. O murmúrio comum ao espetáculo voltava a se fazer ouvir.

Miro estava angustiado, pois não via saída para a sua situação. Morreria naquele chão duro de uma terra estranha para o deleite daquele público tacanho. Quanta repugnância ele sentiu daquilo tudo naquele momento!

Respirou fundo. Não tinha o que fazer a não ser lutar até o fim. Sabia do objetivo do seu adversário, isto era uma vantagem, pois ele não o mataria se ele abrisse toda a guarda e atacasse. Pelo menos na primeira vez, até que Miro o tivesse atingido e ele passasse a ter mais cuidados defensivos. Assim mesmo seria difícil, teria que ser um golpe preciso no braço que empunhava a espada, e o gigante volin cuidava muito bem daquela parte do corpo.

Antes de partir para o ataque do desespero, Miro notou que o bárbaro fez um gesto com a mão esquerda. Não era a primeira vez. A mão tinha sido levada até o peito, onde uma pedra do tamanho de um limão, mas na forma de uma gota estava presa a armadura de Tongolte. Naquele instante, talvez pelo desespero, talvez por ele ser

filho de mago e ter um resquício do dom do pai, ele teve certeza que o objeto era mágico. No mesmo momento ele decidiu que aquele era o seu alvo. Ali estava guardada a esperança de salvação.

O verrogari avançou. Tongolte já esperava o ataque do desespero, algo que ele já havia presenciado inúmeras vezes. Da mesma forma, inúmeras vezes os bons guerreiros que ele havia enfrentado tinham tentado atingi-lo no braço que empunhava a espada. Nada de novo e tudo sobre controle. Ele esticou o braço para trás, esquivando-se. Se tentasse aparar seria atingido. A espada do verrogari passaria perto, mas erraria o alvo. Todavia, para a sua surpresa o ataque ao seu braço tinha sido uma finta. A espada foi desviada para o seu tronco protegido pela armadura e com a ponta atingiu o cristal. O cristal era sua fortaleza e sua fraqueza. De repente todo o seu sucesso e toda a sua fortuna eram soprados pelo vento que vinha do rio Sevides.

Miro quase não acreditou quando acertou o cristal, viu que ele se desmanchou em inúmeros pedaços e um gás verde saiu dele. Só podia ser magia! Uma suposição nascida do desespero se revelava verdade! Coincidência? Como ele poderia estar usando magia se existia um grupo de magos que impediam seu uso dentro da arena?

Ele não pode continuar com os seus pensamentos. Tongolte atacou com força total, mas, confirmando os pensamentos do verrogari, seu ataque não foi tão rápido e Miro conseguiu aparar o golpe sem dificuldades. Os dois trocaram golpes por alguns minutos e o grande volin, para a surpresa dos espectadores foi perdendo o fôlego rapidamente. Muitos não devem ter visto a quebra do cristal, mas a notícia espalhou-se com rapidez e logo a assistência estava torcendo pelo Leão-Rubro.

Derrotar o campeão foi questão de tática e paciência. Ferido, desarmado e exausto, Tongolte chegou ao fim dos seus dias de glória prostrado de joelhos e com as mãos apoiadas no chão. Miro podia terminar a luta ali. Ele tinha o direito de matar o adversário derrotado e era isto que os espectadores pediam, mas aproximou-se da tribuna de honra deixando para trás o volin. O público calou-se.

- Derrotei meu adversário de minha quinta luta – gritou ele para que todos ouvissem.
- Pela lei volin reclamo o direito à vida.

O grande líder volin, Portentã Veinor Dente Negro levantou-se de sua cadeira. Falou algo para um dos guerreiros que faziam o papel de guarda pessoal e aproximou-se da beirada da tribuna.

- Sua vida agora é protegida pela lei volin. Se o Deus Cruine não o quer ao seu lado, que você o sirva nesta terra. Além de escravo de seu proprietário que você seja Escravo de Cruine.

Veinor terminou estas palavras rituais e virou-se, saindo da tribuna. Estava visivelmente irritado com tudo o que havia acontecido. Quando Miro, por sua vez, virou-se, um grupo de guerreiros volins entrou na arena. Eles traziam consigo quatro homens, um deles era o mago que estava na tribuna. Todos tiveram a cabeça cortada imediatamente, apesar dos protestos deles e para delírio do público. De nada serviu o verrogari ter poupado a vida de Tongolte, pois ele teve a mesma sorte, mas só depois que os guerreiros deceparam seus braços.

Cansado e infeliz – Miro não conseguia sentir-se alegre em meio a tanta morte – ele se encaminhou para seu quarto. A esta hora a escrava estaria preparando um banho quente e um massagem. Um curandeiro iria aplicar algum unguento nos ferimentos e talvez um mago diria algumas palavras para ajudar a sarar mais rápido. Ele agradeceria a Palier e oraria para Cruine também, afinal agora ele era um dos seus escravos, se bem que seu proprietário era na verdade Ermani.

- Congratulações, guerreiro! – disse Ermani vindo ao seu encontro. – Como estás?
- Bem – respondeu, não sentindo muita vontade de conversar. – Nenhum ferimento grave.
- Sei que pensas em abandonar a arena – Ermani foi direto ao ponto. Miro sabia o discurso que vinha e não tinha vontade de ouvi-lo, mas não teve forças para interromper o mestre.
- Peço que penses na possibilidade de continuar. A glória e a fortuna te esperam. Apesar de ser um escravo sem possibilidade de alforria, terás uma vida que poucos governantes poderão ter.

Miro não respondeu, estava esgotado demais. Continuou andando para a sua sala deixando Ermani para trás. Ficou surpreso ao verificar que o velho não continuava o discurso.

- Pensa que acabou, verrogari? – a pergunta saía de uma voz familiar a suas costas, mas que ele não conseguiu identificar. Uma voz que não o agradava. Ele se virou com a espada erguida.

Ao lado de um assustado Ermani estava o Tu-Portentã, seu filho, e dois guerreiros volins.

- Como governante volin – começou o governante de Itéria - tenho que respeitar nossas leis que lhe preservam o direito à vida dado por nosso Portentã. Porém, como guerreiro volin, pai volin e líder de clã não posso permitir que a afronta feita ao meu filho, que o marcara por toda a vida, fique sem vingança. Você é um homem morto, verrogari. Assim que o seu nome desaparecer da cabeça das pessoas e do grande Veinor, um mensageiro de Cruine virá na ponta de uma adaga, no meio de uma noite fria.

Os volin viraram as costas sem esperar por uma réplica. Miro não tinha nenhuma para dar a eles de qualquer forma. Apenas virou-se e continuou para a sua sala em silêncio. Ermani seguiu-o sem falar nada também. Os dois entraram na sala que estava cheia de vapor perfumado com essências de banho que vinham de um tacho de madeira de um dos cantos do aposento. Ermani fechou a porta atrás de si, enquanto duas escravas vieram ajudar Miro com a armadura.

O guerreiro esperou que elas tirassem toda a sua armadura e roupas de baixo, e limpassem o seu ferimento. Então dirigiu-se para o tacho, dando as costas para o velho.

Enquanto entrava na água quente falou-lhe:

- Acho que a Companhia de Ermani tem um novo campeão.

Ermani deu um meio sorriso. Não estava surpreendido.

O Necromante

Por Airton França Diniz Junior

– Por que temos de morrer?

A voz do guerreiro terminou a frase quase num sussurro enquanto olhava para mim, sem esperança, no chão, sua vida esvaindo-se ante seus olhos. O que eu era para ele? Um algoz de seus crimes? Um justiceiro que veio pôr fim aos seus dias pecaminosos na terra? Um feiticeiro que por infortúnio do destino cruzou seu caminho?

Eu o observei sem piedade, sem compaixão, esperando que o ceifador cumprisse sua tarefa hedionda e levasse seu espírito ao ciclo infrutífero do esquecimento. Um ciclo que um dia eu iria quebrar. Aguardei até que o véu turvasse seus olhos e o sopro da existência se apagasse de seu corpo. Sentei sobre sua carcaça, peguei minha lâmina e dirigi a adaga para sua garganta enrugada, suja e fedorenta. Penetrei a pálida carne buscando os vasos do pescoço e extraí seu sangue escuro, o outrora líquido vital. Enquanto observava-o preencher o receptáculo do que poderia vir a ser uma poção, entreguei minha mente ao devaneio de como me tornara o que eu era hoje e de quando me transformara naquele pesquisador da imortalidade, da transcendência, da busca pelo elixir da eternidade, do conhecimento da vida e da morte, de descobrir ter a mesma natureza íntima dos primordiais e dos não-nascidos. Quando meus olhos se tornaram frios o suficiente, quando me olhei tão profundamente pela primeira vez e vi um mármore duro e alvo perdido na imensidão gélida de uma nevasca eterna? Quando?

O céu acinzentado das Geleiras foi tomado por uma súbita nuvem escarlate acastanhada. Um trovoar retumbante ecoou pela região. Lonios suava frio, respirava profundamente e lutava contra a teimosia de seus olhos que insistiam em permanecer fechados. A concentração atingiu o máximo. Energias místicas fluíram através de seu corpo.

A coloração do céu, que parecera, a princípio, uma miragem ilusória, agora se solidificara, como se prestes a despejar alguma praga horrenda sobre os que estavam sob ela.

Lonios executou um elaborado gesto arcano. Súbito, imensos blocos de rocha meio fumegantes caíram literalmente do céu sobre o lagarto gigante de duas cabeças cuspidor de gelo que praticamente devastara seu bando.

O feitiço proibido fora evocado. Um gosto amargo atravessou os lábios do mago; ele jurara ao seu mentor e diante de Palier nunca utilizá-lo, um juramento de sangue, diante do Colégio, como era o costume tendo em vista sua situação. Ele sabia as consequências da quebra deste. Mas de que adiantaria o conhecimento sem os frutos deste? Ainda mais naquela situação crítica. Por que a divindade protetora dos magos e do saber limitaria o seu uso? Mesmo que esse saber viesse da forma que Lonios o adquirira. Seria Palier tão arrogante a ponto de punir seu seguidor simplesmente por usar o conhecimento para se manter vivo e aos seus confrades?

Uma sucessão tonitruante de explosões se seguiu erguendo uma enorme nuvem de gelo que bloqueou a visão. Correntes de vento gélido varreram o local do embate; pequenos fragmentos de rocha e espículas de gelo atingiram a face de Lonios que

teve de abrigar-se no chão. O bombardeio continuou enquanto o céu voltava lentamente ao azul cinzento. Ao final, a vil criatura parecia agonizar silenciosamente em meio aos escombros do que outrora fora seu covil. Suas bocas tentando inutilmente livrar-se do sangue, que saía em golfadas intermitentes. Sua respiração nauseabunda bafejando pequenas correntes de ar enregeladas cada vez mais fracas.

A nuvem dissipou-se e por sobre o corpo caído Lonios viu erguer-se a figura imponente de seu irmão Dorian, o arrogante sacerdote. Na face, um sorriso orgulhoso e presunçoso, como se fora o próprio a derrotar o algoz de seus companheiros caídos. Em suas mãos, a espada sagrada de sua ordem, aquela que as regras de seu credo proibiam de retirar do templo sagrado. Alguns golpes e as cabeças da criatura-demônio rolaram aos pés de Tiar, o guerreiro, coberto de gelo, sangue e sujeira. O último sobrevivente além deles. Ele espetou uma delas com seu montante e sentou-se sobre a outra. A luta findara. Bastava colher os materiais que o artífice de Telas encomendara a eles, e poderiam sair daquela região maldita. Uma fogueira e um guisado quente os esperavam. Além de um polpudo pagamento.

O inimigo tombara, mas Lonios realizara o que por juramento solene prometera nunca fazer; Dorian também procedera contra o que gerações de sábios sacerdotes orientaram jamais fazer.

Uma vitória fora alcançada, mas dois juramentos foram quebrados.

O destino teria contas a acertar com ambos...

O receptáculo encheu-se. Levantei-o de modo que ficasse à frente de meus olhos; misturei pó de ossos junto com extrato seco de veneno de escorpião negro e agitei-o até que o líquido perdesse o escuro tom magenta e ficasse quase transparente para que eu olhasse através dele. Além de mim descortinava-se o esboço de uma montanha, mas também haviam árvores. Uma floresta...

As árvores demônios da floresta de Tambar em Ludgrim ergueram-se na sombria clareira ao redor do grupo como imensos monólitos vivos prestes a desmoronar sobre eles. Estranhos olhos rubros dardejavam ódio em faces distorcidas e agonizantes que se projetavam de seus troncos; longos galhos sinuosos cheios de folhas escuras e grandes espinhos pareciam como garras prontas para dilacerar suas carnes; e enormes fendas cheias de presas escuras e seiva fétida e viscosa se abriram para engolir os mercenários.

Ante tal visão, ficara claro porque as patrulhas não retornavam. A caravana também nunca mais seria encontrada.

Elder, o rastreador, e Zio, o ladino, se tornaram as primeiras vítimas. Surpreendidos pelas raízes das árvores, que se ergueram serpeando do solo, não tiveram como reagir e desapareceram nas profundezas da floresta, arrastados por elas. Seus gritos de aflição e horror quebrando o silêncio sepulcral do ambiente.

O combate começou. O grupo estava nitidamente em inferioridade, mas era corajoso e lutava com bravura ímpar. O mago procurou se proteger enquanto pensava em que feitiço usar.

Cruine acertou suas pendências com Tiar naquele dia. Após derrubar um par de árvores com seu imenso montante, ele foi colhido ao meio por alguns espinhos de um galho que atravessaram sua armadura e, antes que alguém pudesse ajudá-lo, sumiu no interior da fenda de uma das árvores. O tronco começou a se contorcer, os galhos chocaram-se uns com os outros, derrubando as poucas folhas que neles havia e os

gritos desesperados do guerreiro ecoaram em meio ao fragor da luta. A seiva viscosa da árvore tornou-se avermelhada e, num instante, tudo estava acabado.

Doriam urrou de raiva e avançou com a espada sagrada de sua ordem sobre o alço do companheiro. A fúria estampada no rosto. De nada valeram os gritos de alerta de Lonios para o irmão. Dali a instantes o bravo sacerdote era atirado para trás, com vários ferimentos trespassando seu corpo. Sua vida esvaindo-se rapidamente, juntamente com seu sangue.

O mago pensou rápido, porém de maneira imprudente. A fórmula arcana já estava em seus lábios e os gestos foram elaborados apressadamente. Uma enorme bola chamejante partiu de suas mãos e foi chocar-se com uma das árvores-demônio, expandindo-se além do esperado por ele. As chamas alastraram-se, lambendo o corpo de Doriam e engolfando também os dois guerreiros restantes do grupo.

O místico ficou paralisado, seus membros gelados, presos, enquanto via o fogo mágico consumir a existência de árvores, monstros, homens e seu próprio sangue...

As lembranças trazem um breve esgar aos meus lábios, repuxando a pele cicatrizada de meu rosto. Olho para o receptáculo e vejo que o líquido ficou completamente transparente. Guardo o frasco junto com os demais e manejo novamente a adaga descendo até o tórax do guerreiro. Cuidadosamente abro uma larga incisão do lado esquerdo, afastando carne e ossos até chegar a seu coração. Fico impressionado como aprendi tudo isso; esses conhecimentos do corpo mortal, de seu interior e de seus componentes. O conhecimento de tudo que me transformou, abriu minha mente, me fez abandonar a futilidade do riso, a hipocrisia da alegria e a inutilidade da busca do domínio dos elementos.

Tenho o coração em minhas mãos ensanguentadas. Um órgão singelo, que parece quase pulsar ainda, como se meu desejo de conhecimento pudesse fazê-lo palpitar. Ele me lembrava outro coração...

Lonios sabia o que dera errado. A investida no covil do bruxo necromante fora bem planejada nos mínimos detalhes. Eles deveriam resgatar a noiva aprisionada do filho de um nobre de Pechara e sair tão furtivamente como entraram. As chances de algo inesperado ocorrer eram mínimas.

Mas tudo dera errado. Nambar, o ladino – sempre ele – tivera a estúpida ideia de mexer num baú trancado e não conseguira desarmar a armadilha elétrica que estava instalada. Agora jazia, eletrocutado, sobre o objeto de seu mortal desejo. Infelizmente, o barulho atraía a atenção dos servos desmorts do feiticeiro que acorreram ao local aos borbotões.

Suas energias místicas estavam no fim e seus sortilégios mais potentes não podiam ser usados naquele local apertado. Não cometeria o mesmo erro que custara a vida de Doriam, seu irmão morto, perdido para sempre e que o marcara para o resto da vida, tanto no corpo como no espírito. Por quê? Para quê? A fatalidade do ocorrido ao sacerdote ainda pesava enormemente em sua consciência. Martelava seus pensamentos e corroía sua alma. E a culpa, sua maldita culpa... A lembrança do juramento quebrado veio-lhe à mente; seriam os deuses tão vingativos assim?

Seria o destino final de todos servirem de alimento aos vermes da terra ou de serem escravos de algum poder divino ou das trevas? Estaria Doriam condenado ao esquecimento? Estaria ele sentenciado a viver com aquele sentimento o resto de sua

fútil existência? Não, deveria haver outra resposta, outro sentido; não podia ser simplesmente assim.

“E há outro sentido”... Uma voz na sua cabeça...

Sacudiu a face queimada, surpreso, enquanto observava impotente, Ravem cair diante de uma dezena de mortos-vivos. Carnos tentou resgatá-la, mas, mesmo destruindo os monstros, chegou tarde demais.

Subitamente, dois corpos se ergueram do meio da carnificina. Presos no horrendo hiato que separa a vida e a morte moviam-se vagarosamente em sua direção. Os rostos – que davam a impressão de que as criaturas, quando vivas, eram mulheres – estavam desfigurados. Suas roupas, agora rasgadas e em trapos, transpareciam ser finas e usadas por damas de nobre nascimento. Uma delas parecia usar um anel na mão direita...

Será que...? Não, não poderia ser... Aquilo seria uma piada dos deuses?

“Ninguém precisa morrer. Não precisa deixar de existir”. Outra vez aquela voz. O que estava acontecendo?

– Seres das trevas, que a luz de Selimon resplandeça e a escuridão seja banida de sua existência – a bravata veio de Helair, a sacerdotisa. Com um gesto de fé, mostrou às almas penadas o talismã metálico com o símbolo do Senhor da Paz. Um bruxuleante feixe de luz esmeralda fez com que os últimos inimigos conhecessem o descanso eterno.

“Deixa-me mostrar que a morte não precisa ser temida. Além dos reinos de Cruine estão os segredos da vida eterna, da imortalidade. Abandone o temor, a crença, os elementos; abrace a dúvida, o questionamento, os segredos. Deixa-me mostrar-lhe o caminho; contemple o oceano incandescente e renegue o ciclo do esquecimento”. A voz ficava cada vez mais forte, mais audível, seus argumentos mais palatáveis, aceitáveis.

Helair e Carnos acorreram para os fundos do recinto, procurando arrombar a porta que acreditavam levar para fora daquele salão de horrores.

– Lonios, vem! – gritou o guerreiro.

“Sei o quanto desejas conhecer os segredos além do véu do caos, do suposto fim de tudo. De ter respostas para seus questionamentos. Sei o quanto desejas, no fundo do teu coração, transcender os primordiais. A recompensa te espera”.

Sim, apagar da existência o dia em que extinguiu a chama da vida de Doriam, de nunca mais viver corroído pela culpa, de conhecer os segredos que prolongam a existência, de se libertar das amarras das parcas e de conhecer a fundo os mistérios escondidos além das barreiras de Cruine. A sabedoria sem restrições...

O que precisaria fazer?

– Lonios, que diabos, mago! O que está esperando? – a voz de Helair trovejou no interior do recinto.

“Ninguém que não seja como você pode compreendê-lo. Somente você pode ter acesso aos mistérios, NINGUÉM MAIS”.

A partir dali borrões de lembranças...

Energias místicas fluindo, vozes guturais, gestos, gritos, fogo, raios, dor, silêncio, um fulgor luminoso de uma lâmina, sangue, muito sangue.

Lonios se recorda de ter o coração de Helair nas mãos e o apresentar a uma forma fantasmagórica, encapuzada e negra que surgira à sua frente. Olhos brilhantes fulguravam em um rosto de semblante duro e sem expressão. Em suas mãos um anel com uma opala polida e uma estrela de prata engastada sobre ela, foi-lhe oferecido.

– Seja bem-vindo, irmão; eu sou Nabu. Todos os teus confrades te saúdam!

– Mestre!

Guardo o coração em outra caixa, junto com os demais que já havia retirado. Eles me servirão para muitos estudos. Levanto e olho para os que tombaram ali na clareira. Mais um grupo de aventureiros enviados para dar fim a minha existência. Eu não sorrio, nem ao menos esboço ares de satisfação. Não há por que. Hoje, acho que se havia algum sentimento ou emoção em mim, ficou obscurecido no passado, nas cinzas que consumiram meu velho eu. Hoje, acredito que vivi o suficiente para saber como é inútil a felicidade. Uma ilusão. Só o conhecimento resta. Só o conhecimento pode vencer a ignorância e abrir o véu dos mistérios da vida e da morte. E transcender a morte é conhecer os segredos da vida.

Arrumo cuidadosamente os componentes do feitiço no chão. Meus olhos vislumbram os servos parados a poucos metros atrás de mim aguardando a chegada dos novos irmãos. Concentro-me e sinto o mar de fogo e caos emergir em meu interior. Recito a fórmula exatamente como aprendi. O gestual como ensinado. Componentes sendo consumidos. Um ligeiro relampejar verde enegrecido emana dos corpos caídos. Músculos rijos começam a se mover, tendões a se retesar, articulações rangem e, por fim, os corpos mutilados se erguem.

Um pequeno sorriso, tênue e infantil, parece esboçar em meus lábios, mas ele rapidamente desaparece. Contemplo meus novos “filhos”. Minha herança para este mundo decaído e preso às limitações impostas pelos deuses.

Volto-me e me dirijo para a torre onde resido nas encostas das montanhas de Keiss. Caminho segurando meu cajado. Hoje sou forte o suficiente para não precisar me apoiar nele; no futuro, não serei velho o suficiente para fazê-lo. Os grilhões de Cruine não me aterrorizam mais e seus guardiões não me inspiram mais respeito. Não me importo com os deuses; são egoístas ao extremo ao privar seus chamados filhos de um tesouro que se arrazoam pertencer somente a eles. Também não me importo com as pessoas. Suas existências são fúteis e breves. Contentam-se com o parco período que vivem nesta vida. Aceitam, passivamente, serem limitados pelos primordiais, jogados no ciclo vicioso sem fim da morte e renascimento, perdendo tudo o que conquistaram anteriormente. Preferem brincar com seus joguinhos infantis de poder e glória efêmera. Seu castigo merecido é serem servos, como estes que me seguem.

Não me tornarei um deles. Daqui, do alto das montanhas, observarei seus reinos caírem e suas pueris esperanças se desvanecerem; pois eu me divirto com a morte e ela não me conhece mais pelo meu nome. Os mortais também não recordam mais o meu nome, envolto em brumas do desconhecido, pois me tornei mais que um nome poderia ser; tornei-me uma lenda, alguém a ser temido e evitado. Alguém que busca a chave da eternidade. Não sou mais Lonios. Sou apenas O Necromante.

A Cura

por Bruno Machado

Já estava escurecendo e Mina caminhava a passos acelerados pelas ruas de Franges. Com cerca de um décimo de sua população anterior, a cidade era apenas uma sombra do que costumava ser. Suas praças e ruas, entregues aos ratos e cachorros que se alimentavam dos corpos deixados pela peste, fediam a morte e decomposição. A jovem elfa dourada não podia deixar de sentir um peso em seu coração ao perceber o quanto aquela cidade havia decaído.

Passou pelo largo do meio-dia, uma pequena praça que recebera esse nome por causa das festas que ali aconteciam diariamente, sempre ao meio-dia. Mina lembrava-se de quando era mais jovem – sim, mais jovem, pois ela tinha meros 30 verões, tendo praticamente acabado de sair da adolescência para os padrões élficos – quando costumava frequentar aquela praça e assistir aos bardos fazendo suas apresentações.

Fora lá que ela tomara sua primeira taça de vinho, seu pai havia lhe dado permissão para tomar um gole, no seu aniversário de 20 anos. Fora lá que ela dera seu primeiro beijo, aos 16, com um jovem e belo meio-elfo. Para ela aquilo havia sido apenas uma brincadeira, mas o rapaz se apaixonara e acabara por pintar um retrato dela. Até hoje ela tinha aquele retrato sobre a sua mesa de estudos.

Nada disso restava. Toda a beleza de Franges havia ido embora, sendo substituída pelo que só podia ser descrito como uma verdadeira visão do inferno. Em vez de música havia o gemidos dos doentes, seus corpos cobertos por manchas negras, sangue escorrendo por diversas feridas. Os mortos eram deixados onde caíam, numerosos demais para serem coletados.

- Por favor, me ajude. – Mina tremeu de agonia quando um dos doentes, um velho humano de cabelos cinzas e manto marrom, esbarrou nela. Não que ela tivesse medo de ser contaminada pela doença, pois até aquele momento, a peste não havia afetado nenhum elfo. Porém o cheiro de morte a deixava enojada.

Além disso, ela precisava chegar logo em casa. Seu pai e mentor, Aldriano, a havia enviado ao mercado para comprar alguns ingredientes necessários para seus estudos mágicos. Ele estava no meio de um experimento importante e Mina sabia que seu professor não gostava de ser deixado esperando.

Seus instintos disseram-lhe que algo estava errado e ela saltou antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. O senhor virou-se para ela e apontou-lhe uma varinha. O raio elétrico passou a centímetros do peito de Mina, errando-a por pouco.

Sem nem pensar a elfa murmurou suas palavras de poder e arremessou uma bola de fogo na direção de seu atacante. Mina nem precisou esperar a magia atingir o alvo para perceber que algo estava errado. O inimigo não fizera esforço para evitar o golpe, recebendo a bola de fogo no meio do peito como se não fosse nada.

Em vez de pegar fogo e soltar um grito de dor o velho transformou-se em uma nuvem de fumaça dispersa que desapareceu em menos de um segundo.

“Droga, era uma réplica mágica”. Foi tudo que Mina foi capaz de pensar antes de desmaiar com uma paulada na cabeça.

* * *

Há menos de um ano Larko estivera pronto para deixar o terror de Franges para trás. Junto com sua esposa, Delina, e seu filho que estava por nascer, eles iriam para Calisto, longe da peste, construir uma nova vida.

Porém o destino tinha outros planos e, na véspera de sua partida, Delina fora contaminada pela peste. Larko dedicou os meses seguintes à busca de uma cura, procurando pelas mais raras ervas e plantas, mas tudo fora em vão. Dois meses depois sua esposa estava morta, bem como seu filho.

Com 32 verões, ele era um homem baixo, porém atarracado, com corpo forte e bem definido. Larko era um dos poucos humanos restantes na cidade. Seus amigos haviam ido embora, sua família havia ido embora e o rastreador sabia que, se não fosse embora em breve, a peste invariavelmente acabaria com ele.

“Deixe que ela venha” ele pensava com indiferença. “Assim, poderei rever Delina”. Mas a peste insistia em não vir e, dia após dia, Larko sobrevivia realizando missões de escolta, caça ou qualquer coisa do tipo para quem estivesse disposto a pagar. De uns tempos para cá as missões se tornavam cada vez menos frequentes.

- Você se chama Larko? – Uma figura sentou-se à mesa em que o rastreador estava apreciando seu jantar.

Larko levantou seu olhar e percebeu tratar-se de um elfo dourado. Suas vestes, um folgado manto laranja com bordados roxos, o identificavam como um mago. Era impossível tentar estimar sua idade, levando em conta que um elfo adulto pode manter a mesma aparência dos seus 30 aos 800 anos. Tinha uma expressão preocupada no rosto.

- Quem pergunta? – Foi sua resposta.

- Me chamo Aldriano e estou precisando contratar um rastreador. – O elfo respondeu.
- Ouvi dizer que você é o cara para o trabalho.

- Você ouviu certo, orelhas pontudas. – Larko terminou seu jantar, empurrando o prato para o lado. – Então, o que você precisa? Cogumelos da Navalha?

Larko não se incomodava por ser abordado por magos. Em sua grande maioria as missões consistiam em ir até algum lugar inexplorável e caçar ou coletar algum ingrediente mágico qualquer que os magos eram covardes ou preguiçosos demais para pegar por si próprios.

Aldriano balançou a cabeça, escolhendo desconsiderar a insolência do rastreador. – É Mina, a minha pupila. Ela desapareceu. Preciso que você a encontre.

“Isso parece interessante.” Larko pensou para si, levantando uma sobrancelha. – Quando você a viu pela última vez?

- Eu a enviei para o mercado, comprar alguns... – Ele hesitou –... Cogumelos da Navalha,... – Larko sorriu –... E ela não voltou. Tentei usar magias de localização, sem sucesso. Achei que talvez um bom rastreador pudesse encontrá-la.

- Claro que posso. – Larko respondeu.

- Qual o seu preço? – Aldriano perguntou, tirando uma sacola de dinheiro de suas vestes.

- Você pode começar pagando pelo meu jantar.

* * *

Mina acordou em uma sala escura, sua cabeça doía...

Estava deitada em uma superfície gelada com as mãos e os pés amarrados. Logo sua visão iria se acostumar com o ambiente. Sua cabeça estava leve...

Como se estivesse dopada... Tentou murmurar algumas palavras mágicas, Não conseguiu...

- Não adianta. – ouviu uma voz. Era a coisa mais repugnante que ela já havia ouvido. Era a voz de um homem velho... Um homem morto...

- Tem uma aura de anulação mística.

Ela sentia-se fraca, sua visão finalmente se acostumou à escuridão...

E o que viu a fez gritar de horror.

* * *

Larko ajoelhou-se diante do corpo chamuscado. Ele havia percorrido todo o caminho entre a casa de Aldriano e o mercado e, até aquele momento, não havia encontrado nada demais. Havia corpos espalhados por todos os lados e a cidade fedia a sangue e morte, nada demais.

O cheiro de carne queimada, porém, era novo. Larko remexeu um pouco os corpos, observando os padrões e notou que havia um círculo quase perfeito de queimaduras nos corpos espalhados pelo chão. "Fogo mágico." Não havia dúvida.

Fazia sentido, afinal Aldriano havia dito que Mina era uma maga elemental. Qualquer pessoa que viveu por Franges tempo o suficiente sabia o que os estudiosos desse colégio de magia eram capazes de fazer.

Olhou em volta, procurando por quaisquer pistas que pudesse seguir. A quantidade excessiva de corpos espalhados pelo chão tornava quase impossível a tarefa de rastrear alguma coisa.

- Droga. – Larko comentou consigo mesmo enquanto tirava um punhado de pelos de lobo de seu bolso. – Eu preferia não ter que fazer isso. Ele levou os pelos até seu nariz e inalou. Quase desmaiou quando o cheiro de sangue, morte e decomposição dominavam o seu olfato, agora maximizado pela magia.

O rastreador se controlou e, depois de certificar-se de que não iria vomitar, cheirou a camisa vermelha que estava carregando. Mais cedo havia solicitado que Aldriano lhe desse alguma peça de roupa recentemente usada por Mina.

"Lírios." O rastreador identificou o cheiro rapidamente. Mina usava um perfume feito de essência de lírios.

Larko farejou em volta e logo encontrou o cheiro. O aroma do perfume, geralmente sutil, se destacava como uma unha encravada entre o fedor daquela cidade. Soltando um grito de triunfo, que se assemelhava a um uivo, Larko seguiu o cheiro com passos acelerados.

* * *

O rastro levou Larko até uma mansão não muito longe dali. A casa tinha primeiro andar e, o que um dia fora um muro branco agora estava coberto de plantas mal cuidadas e assumia uma coloração amarelada. O grande portão de ferro, enferrujado e retorcido, permanecia fechado, mas o rastreador conseguiu passar com tranquilidade por uma parte do muro que havia sido derrubada.

A casa em si estava completamente barricada. Quando a peste tomou conta de Franges, muitos de seus moradores ficaram desesperados e começaram a saquear as casas em busca de qualquer coisa que pudessem roubar para comprar falsas curas.

Por consequência, fazer barricadas em suas residências passou a ser algo comum, principalmente nos bairros mais nobres da cidade.

Aquilo não estava certo. Larko tinha certeza que o aroma de Mina passava por ali, então devia haver alguma entrada. Porém, depois de olhar rapidamente, sabia que as portas estavam todas barricadas. Provavelmente haveria algum tipo de mecanismo ou passagem secreta que desse acesso ao interior, mas o rastreador temia pela jovem elfa e sabia que não teria tempo para procurar com cuidado.

Mais acima, no primeiro andar da casa, havia uma janela que não estava bloqueada. Larko se afastou para pegar impulso e, depois de uma breve corrida, saltou e segurou-se na bancada pouco mais acima. Puxou seu corpo para cima e, em alguns segundos, estava se espremendo pela pequena janela que levava até um sótão empoeirado.

Larko colocou uma flecha na corda de seu arco e, com passos silenciosos, começou a explorar a casa. No primeiro andar havia alguns quartos, uma biblioteca abandonada e um banheiro. Não havia ninguém à vista e nenhum vestígio do perfume de lírios de Mina. Por isso, o rastreador decidiu descer para o térreo.

- Sabe o que eu acho? – Larko ouviu a voz antes mesmo de avistar qualquer coisa. Era uma voz masculina, porém bem alterada pelo tempo. O dono da voz era, provavelmente, um idoso.

- É claro que eu sei. – Apesar de vir de uma fonte diferente, a segunda voz era idêntica à primeira e, por uma fração de segundo, Larko imaginou se não era a mesma pessoa falando.

- Como você pode saber? – A primeira voz perguntou.

Alguns passos depois Larko avistou a sala principal da casa. Havia dois homens lá. Ou melhor, o mesmo homem duas vezes. Ambos tinham os mesmos cabelos cinzas, a mesma pele velha, enrugada e coberta por manchas negras, sintomas da peste que assolava todo o reino. E o mesmo manto marrom, sujo e comido pelas traças. Eles eram, para todos os efeitos, a mesma pessoa.

- Eu sei por que eu sou você. – O segundo velho, o da direita, respondeu. – Nós temos a mesma mente e a mesma consciência, esqueceu?

Larko atirou duas flechas em rápida sucessão, acertando ambos os homens no meio do peito. Ele não sabia quem eram ou se eram de fato uma ameaça. Mas eles tinham uma aparência extremamente macabra e suspeita. Além do mais, eles pareciam prestes a entrar em uma discussão filosófica sobre como eram a mesma pessoa e Larko resolveu pôr um fim naquilo antes que eles comessem.

O rastreador esperava ouvir o baque de dois corpos caindo no chão e ficou surpreso quando as duas figuras desapareceram, transformando-se em pequenas nuvens dispersas. "Magia." Pensou. "Devia ter imaginado."

Desceu os últimos degraus com passos rápidos, porém silenciosos e recuperou as duas flechas que haviam caído no chão, quase novas. Então deu uma checada rápida no térreo: além da sala, havia uma cozinha que cheirava à comida estragada e onde alguns ratos se mexiam. Ou, pelo menos, Larko esperava que fossem ratos.

Sentiu novamente o cheiro de lírios vindo da porta que levava para o porão. Silenciosamente abriu a porta e começou a descer os degraus.

* * *

Tendo vivido em Franges por boa parte de sua vida, e visto o estrago que a peste fazia com a população, havia muita pouca coisa capaz de deixar Larko enojado. O que ele viu ao descer no porão, entretanto, quase o fez vomitar.

Era uma espécie de laboratório, com um sem número de leitos de ferro onde estavam amarrados os corpos de vários elfos, tanto dourados quanto selvagens. Os elfos haviam sido experimentados de diferentes formas: um estava coberto de pequenos cortes e tivera seus olhos arrancados, outro – uma elfa que um dia fora muito bela – parecia uma passa seca, pois teve todo o seu sangue drenado. Em cima de uma mesa, havia um coração.

O terror daquela visão, junto com o cheiro de morte e decadência fez com que Larko fosse obrigado a dissipar sua magia, para que o fedor não lhe subjugasse completamente. Aquilo não era um problema, pois, em uma mesa, havia uma bela elfa dourada de cabelos da cor da lua. A semelhança com Aldriano não deixava dúvida de que se tratava de Mina. Ela estava inconsciente e amarrada. Alguns tubos estavam enfiados em seu corpo, ligados a uma espécie de máquina que estava puxando seu sangue.

Sem hesitar, Larko se aproximou e apertou um botão vermelho que, como desconfiava, desligou a máquina. Então segurou os tubos, pronto para removê-los da elfa.

- Você não...

Antes mesmo que o velho tivesse a chance de terminar sua frase, Larko mirou e atirou com o arco, acertando-o no peito. Por um segundo, o velho de manto marrom o encarou, incrédulo, e transformou-se em uma nuvem com um leve puff.

Era outra réplica mágica! Larko mal teve tempo de processar essa informação quando sentiu uma corrente elétrica correr por todo seu corpo. Um raio mágico o havia acertado nas costas e jogara-o para frente. Ele caiu de joelhos no chão, seu arco sendo jogado para longe.

- Que falta de educação. – Larko ouviu quando levantou a cabeça e olhou para o mago que o havia acertado com o raio e se aproximava.

- Nem deixou eu terminar a frase. – Um segundo mago, idêntico a todos os outros, completou.

Larko olhou para seu arco. Se fosse rápido o suficiente e saltasse, talvez conseguiria...

- Nem pense nisso. – Um terceiro mago chutou seu arco para de baixo de um dos leitos. – Você não é rápido o bastante.

Um quarto mago saiu de trás de uma cortina. – E, mesmo que recuperasse seu arco, em qual de nós você atiraria?

Quinto, sexto e sétimo magos apareceram dos diversos cantos cobertos de sombras naquele porão sombrio. Era verdade, havia muitos deles e Larko não tinha chance de derrotar todos. Estava cercado e perdido.

- Por que você está fazendo isso? – A única chance que ele tinha era enrolar, até que pudesse pensar em algum plano de ação.

- Você não entende? – Um dos magos começou.

- O sangue deles é o segredo. – Outro disse.

- É por isso que eles são imunes à peste. – Prosseguiu mais um.

- No sangue deles está a cura. – O primeiro mago a falar concluiu.
- Você não me parece curado. – Apesar dos espasmos que seus músculos sofriam por conta da eletricidade, Larko esforçou-se para soltar um riso de escárnio.
- É só uma questão de tempo.
- O sangue é cheio de segredos.
- Mas estou muito perto.

Um dos magos se aproximou, sua mão esquerda levantada com uma nova magia preparada.

- E não posso deixar você ficar no caminho.

Alguém começou a tossir. O barulho vinha de algum lugar a sua esquerda. Larko olhou naquela direção e avistou uma cortina que dividia o porão em dois cômodos. “É claro!” O rastreador entendeu. “O mago verdadeiro não iria se revelar!”

A réplica mais próxima, que estava com uma magia preparada, disparou um novo raio, mas já era tarde demais. Com um salto Larko deu uma cambalhota por baixo de um dos leitos e, em menos de um segundo, estava do outro lado do porão. Desembainhou a faca que levava em sua bota e, com um movimento fluido, arremessou-a na direção do mago de manto marrom que se encontrava curvado no chão, sangrando pelas várias feridas que cobriam seu corpo infectado.

A faca deveria ter acertado o inimigo em cheio, porém foi interceptada por algum tipo de barreira mágica que arremessou a arma para longe.

O mago recuperou-se de seu surto de tosse e olhou para o rastreador, que ainda se encontrava agachado no chão. – Belo truque. – A barba estava coberta de sangue que escorrera de sua boca. – Mas você não pode me vencer.

Ele olhava para Larko, sua expressão era de pura fúria. Todos os magos do recinto, ao mesmo tempo, começaram a juntar energia mágica. Desarmado e encurralado, o rastreador sabia que não tinha saída. “Delina, aqui vou eu.” Fechou os olhos, pronto para o fim.

Mas o fim não veio. O mago foi tomado por uma nova onda de tosse e perdeu sua concentração. Ele caiu novamente no chão, sangrando por suas feridas e soltando gemidos agonizantes. Isso se estendeu por alguns segundos, até que ele finalmente parou.

Ao mesmo tempo, todas as réplicas viraram nuvens: o mago estava morto.

* * *

- Como você está? – Aldriano perguntou assim que Mina abriu os olhos. A elfa ainda estava fraca e sua cabeça doía um pouco, mas ela sentia que ia ficar bem.

- O quê...?

- Não faça esforço. – Seu pai interrompeu. – Você ainda está fraca, precisa se recuperar. Mas está segura. Acabou.

O Oráculo de Plandis

Por Airton França Diniz Junior

Afastei-me pela terceira vez do demônio com chifres enquanto recobrava meu fôlego. A luta se arrastava e a certeza de que sairia vitorioso se desvanecia junto com minhas forças. Meus braços doíam e gotas de suor já banhavam minha frente. Ajeitei meu elmo e verifiquei minha espada e meu escudo de bronze enquanto aguardava o ataque da besta.

Encontrava-me no coração do covil do monstro, numa caverna localizada no sopé de uma montanha, no fim do Pântano dos Horrores, um local perdido em Abadom, às margens do rio Baloc. Era um local de terra argilosa, escorregadia, com resquícios de água fétida. Árvores mortas, tortuosas, de troncos retorcidos, enegrecidos e raízes expostas cercavam a entrada da gruta que servia de refúgio para a criatura demoníaca que caçava as pessoas da vila perto do rio.

Não havia ninguém para assistir o confronto. Nenhuma alma para presenciar a minha morte, mesmo que ela representasse o último alento de esperança para muitos. Mas era assim que deveria acontecer, uma luta solitária, com somente os deuses como testemunhas. Não era assim que estava escrito?

O demônio com chifres, meu inimigo, vertia fúria pelos olhos, fitando-me com aqueles olhos amarelados, com uma intensidade que faria homens sem coragem correrem para longe. Mesmo seu porte, por si só, já era suficiente para gelar o coração dos mais bravos: um corpo imenso, extremamente musculoso e uma cabeça horrenda, de touro, com chifres e dentes pontiagudos. Em suas mãos uma enorme clava, de madeira duríssima, que manejava com extrema habilidade.

Olhei ao redor. A caverna era enorme e cheirava a morte. Esta era a casa da criatura, local para onde retornava após caçar homens, mulheres ou crianças desafortunadas e incautas da vila. Eu me perguntava se não era melhor mudarmos de lugar, fugir para bem longe daquele local, mas para onde iríamos nesta terra desolada e cheia de dragões e outras bestas das profundezas? Conseguíamos sobreviver por muitos anos naquele local, sem atrairmos atenções, até que aquele monstro aparecera e transformara nossa vida num inferno.

Eu cuspi sangue, sentindo todo o meu corpo reclamar dos golpes que recebera da criatura e de sua clava maldita. Se não fosse minha armadura e o escudo certamente já estaria com meia dúzia de ossos partidos. Olhei para o sangue do demônio que escorria de minha espada. Meus cortes em seu corpanzil eram profundos, mas pareciam inúteis, apenas o enfurecendo mais ainda... Tudo levava a crer que Cruine só a levaria quando sua cabeça fosse separada do corpo.

Com um urro feroz ele avançou novamente e preparei-me para o embate. Ele já se mostrara extremamente ardiloso e somente por intervenção divina, acredito, eu conseguira escapar das armadilhas que ele colocara no caminho até seu covil. Ele brandiu a clava mais uma vez e o golpe, repleto da força de sua investida, quase me arrancou o escudo junto com o braço. Com uma velocidade espantosa, o segundo movimento quase me acertou o peito, por pouco não me derrubando. Recuei dois passos e roguei aos céus por uma brecha que parecia não existir. Encostei-me à parede fria da gruta. Beco sem saída!

O demônio-touro pareceu sorrir e, urrando ferozmente, golpeou novamente com a clava, certo de que me esmagaria contra a pedra escura. Mas, abaixando-me, minha espada avançou antes e não encontrou resistência contra a carne de seu punho. A brecha... Joguei-me lateralmente e, quando ele gritou de dor, com sua mão caindo para um lado e a clava para o outro, ergui novamente minha lâmina para desferir toda minha fúria contra aquela coisa. O golpe cortou a escuridão, exatamente como fora descrito pelo Oráculo de Plandis, tempos atrás. Eu jamais me esquecerei do dia em que a visitei e tudo começou. O dia em que aprendi que o futuro pertence aos deuses e que os homens não devem nunca esquadrihar.

O guinchar de vários morcegos e o bater de suas asas encheram a caverna, espantados de seu refúgio. Uma velha e carcomida árvore que crescia na entrada da gruta era a morada de uma centenária criatura. O relinchar dos cavalos reverberou pelos túneis, sobrepujando o uivar enregelante do vento, quando os mesmos foram presos. Vozes trêmulas e indecisas de heróis incautos se fizeram ouvir. A criatura esboçou um leve sorriso em uma boca quase sem dentes. Sabia quem eram e porque tinham vindo...

Era noite na Cordilheira de Sotopor. De outro modo era simplesmente impossível encontrar a entrada da gruta, que era de difícil acesso. Tal proteção existia desde tempos antigos, anteriores à época da chegada dos dragões, quando poderosos homens e até reis e príncipes de outras terras consultavam os augúrios da criatura. Era um lugar protegido e bem guardado. Porém, nada mais havia. Os guardas haviam se dispersado com a chegada dos seres draconianos e as consultas deixaram de acontecer. A criatura fora abandonada. Sua solidão só não era completa, pois ela compartilhava da presença de outro ser também atormentado.

Mas a curiosidade que permeia as consciências dos seres sábios nunca se extinguiria e vários foram os tolos que, ao longo dos anos que se seguiram, procuraram o conhecimento da criatura. Vários foram eles, com diferentes perguntas e anseios.

E, naquela noite gelada de Abadom, mais dois atravessavam as estreitas paredes da caverna que servia de morada, abrigo e prisão para a criatura. Esgueirando-se por entre as pedras úmidas e cascalho escorregadio, eles se questionavam na incerteza de estarem no local certo. A criatura não os culpava por duvidarem. Abadom se tornara um lugar amaldiçoado e várias de suas lendas se mostravam irreais. Mas ela era bem real como logo iriam comprovar os dois cavaleiros que chegavam.

Luzes fracas de tochas logo surgiram, bruxuleando e refletindo-se nas paredes úmidas. Os visitantes se aproximavam. A criatura empertigou-se, balançando o pesado e desgastado manto preto e branco, com o capuz que lhe encobria os membros e as feições. Seus olhos caíram sobre os símbolos, feitos de ônix e pérolas fundidos a uma placa de ouro, sob os seus pés. Duas espirais interligadas. O símbolo de seu deus.

Os dois homens adentraram, finalmente, à câmara. O primeiro se chamava Loel, cavaleiro de espada de bronze, empunhada por poderosos músculos e semblante fechado, com uma grande barba por fazer. Carregava um grande alforje às costas. Sua armadura estava suja e arranhada em vários locais. Os olhos negros, dilatados e dardejantes encontraram a criatura e tiveram a mesma reação de todos que haviam vindo antes dele: medo. Depois entrou um jovem escudeiro, de nome Endris, tocha na mão e o corpo protegido por uma surrada e desgastada armadura de couro rígido. Um grande escudo de bronze pendia de suas costas. Fios de barba, tão escassos quanto sua idade, manchavam seu rosto, onde olhos castanho-esverdeados perscrutaram,

amedrontados, a criatura que se erguia à frente. Mesma reação, medo, mas a testa de Endris franziu, o maxilar travou e a mão correu rápida para o cabo do gládio, como se quisesse atacar o ser.

A criatura percebeu, mas não culpou o jovem. As ossadas ao redor de seu altar despertariam a mesma reação.

- És o Oráculo do Senhor da Inconsequência? O profeta das coisas vindouras? – perguntou o cavaleiro. Apreensão, medo e incerteza recheavam a sua voz.

A criatura avançou um pouco até o limite do símbolo sob seus pés. Loel quis recuar. Uma batalha era travada em seu íntimo. O instinto lhe ordenava que fugisse, mas seu treinamento insistia em que mantivesse a firmeza. Não houve resposta. A criatura parecia sondar o cavaleiro.

- És o Oráculo do Senhor da Inconsequência? O profeta das coisas vindouras? – repetiu. Mas desta feita estendeu a mão para que o aprendiz lhe passasse o escudo.

O encapuzado descobriu o rosto e as feições de uma elfa de pele lívida e pálida, de semblante desgastado, cabelos alvos e emaranhados e olhos insanos fitaram o guerreiro.

- Eu sou o Oráculo de Plandis, cavaleiro Loel e Endris. Eu sou aquela dos presságios do amanhã. – disse a elfa, numa voz gutural, que nem de longe lembrava o doce frasear dos elfos do Mundo Conhecido.

Os dois humanos recuaram. O homem de armas, contudo, ergueu novamente a voz.

- Eu vim consultá-la! – disse.

- Como se eu não o soubesse! – respondeu o oráculo – Assim como muitos que não ouviram o que queriam ouvir. Se acreditas que serás diferente dos que te antecederam, és um tolo igual aos demais.

- As lendas falam que o oráculo conhece o amanhã, que sabe o destino futuro e o momento do fim das coisas – disse Loel, parecendo não escutar a advertência da elfa.

- As lendas estão corretas. Mas conhecer o futuro não torna o homem menos tolo que os seus pares. Vês os ossos que te cercam? São de ingênuos e descuidados como você. – A voz da elfa se elevava como se quisesse ratificar sua advertência.

- Tu os mataste, ó Oráculo? – a pergunta de Loel soou com um misto de surpresa e temor.

- Eles se mataram. Pagaram o preço da sua curiosidade. – a elfa olhou fundo para o cavaleiro.

Um silêncio sepulcral pairou entre os dois humanos. Era tão profundo que eles pareciam escutar os próprios corações baterem.

- Eu vim consultar-te – Loel quebrou a quietude – As lendas dizem que deves me responder.

- As lendas estão certas – sussurrou a elfa – Mas existe um preço a se pagar...

Loel depositou o grande alforje aos pés do altar.

- Aqui está. Água e alimento para o oráculo, como falam as lendas.

A elfa riu alto.

- Desta vez as lendas estão incorretas. Não é este somente o preço a se pagar.

O cavaleiro pareceu surpreso.

- Não é somente isto? ... Mas não importa, eu aceito qualquer preço a ser pago.

- Olhe a sua volta, guerreiro. Tem certeza?

- Sim, tenho.

- Meu Senhor Loel, não seria melhor se retornássemos? – A voz trêmula do escudeiro quebrou o diálogo, num misto de sensatez e total falta de coragem.

-Quietos! – ordenou o cavaleiro. Voltou-se para a elfa, exigindo – responderás a minha pergunta?

- Pergunte o que desejar, cavaleiro. O oráculo é conhecedor do progresso, do que é e do que está por vir. – A elfa respondeu com uma reverência – nenhuma pergunta ficará sem resposta.

- Qual é, então, o preço? – Loel hesitou. A arrogância do cavaleiro se desfizera. A aceitação da elfa, o medo de ouvir a verdade ou o raciocínio do preço a ser pago jogaram por terra toda a insolência do guerreiro.

A elfa chegou até a borda do símbolo e disse, em meio a um sussurro sombrio:

- A vida daquele que ousar perguntar ao oráculo...

Loel pareceu não acreditar. – A vida?

- Sim... tu terás a resposta de tua pergunta, mas jamais deixarás com vida este recinto com o teu conhecimento. Esta é a troca permitida pelos deuses. Tem sido assim desde o princípio – o semblante da elfa pareceu endurecer enquanto pronunciava aquelas palavras.

- Meu senhor, Loel, vamos embora. Nada pode ser feito – A voz do escudeiro se tornara um choramingo desalentado.

- Mas nós precisamos da resposta! – gritou o cavaleiro. Sua voz ecoando em meio aos corredores da caverna – O demônio com chifres precisa ser detido, nossa vila corre perigo, aquelas pessoas dependem de nós. Não podemos voltar sem a resposta.

-Mas ela pede um sacrifício. – Endris se controlava para não chorar.

O rosto do cavaleiro se iluminou como se encontrasse a resposta.

- Você, jovem Endris; você poderia se oferecer a fazê-lo.

A elfa sorriu. A covardia humana era a mesma em qualquer época. Mudavam-se os protagonistas, mas a cena era a mesma.

- Eu...? – gaguejou o escudeiro.

- A honra dos nobres que se sacrificam será eternamente lembrada – provocou a guardiã do conhecimento futuro.

- Sim, você. Eu sei que é muito jovem, mas minha força, minhas habilidades e minha espada são necessárias a nossa vila e eu não posso perecer neste momento. – Loel enfatizou as últimas palavras.

- Mas, meu senhor... – Endris estava em prantos.

- Nosso povo depende de você. Por Blator, serás assim tão egoísta e insensível? – o cavaleiro aproximou-se do aprendiz e segurou-o pelas mãos.

- Não... Eu não consigo... Eu não consigo... – o escudeiro meneava negativamente a cabeça.

- Pode sim! Isto vai nos mostrar como matar o demônio que tem afligido nossa vila – a paciência do guerreiro estava se esgotando.

- Não, meu senhor, por favor. Eu não posso – as lágrimas caíam, copiosas, da face de Endris.

- Faça, agora! Ou terei que obrigar-te pela força – Loel agarrou seu jovem aprendiz pelos cabelos e arrastou-o para frente do altar.

O escudeiro permaneceu mudo.

- FAÇA A PERGUNTA! – gritou o cavaleiro.

Silêncio. O jovem aprendiz manteve a cabeça baixa, envergonhado pela própria covardia. Seu corpo tremia em espasmos incontroláveis. O cavaleiro, completamente transtornado pela ira, não via outra escolha senão obrigar o jovem a ter coragem por meio da violência.

O som de uma bofetada irrompeu na caverna. O mestre acabava de esmurrar o aprendiz.

- Ordeno-te que faças a pergunta. Pergunte sobre o demônio com chifres. – Loel estava possesso.

- Eu não consigo... Eu não consigo... – Endris respondeu em meio a soluços.

- COVARDE! – Gritou novamente Loel.

- Desculpe-me, Senhor... – Endris era só lágrimas.

- Pergunte! Diga assim ao oráculo: Como e quando o demônio de chifres irá morrer? Faça ou por todos os deuses eu mesmo irei matá-lo aqui e agora. – vociferou Loel.

- Em dois ciclos solares. Dentro da Gruta, no sopé da montanha no fim do Pântano dos Horrores, pela espada de bronze do guardião da vila do rio Baloc, o homem-touro que chamam de demônio de chifres irá perecer, pois será degolado. Seu reinado de horror irá se findar – respondeu a elfa, secamente.

Loel surpreendeu-se. Alegria estampada no rosto.

- Então vou conseguir matar o demônio de chifres?

- Não... Você iria conseguir derrotá-lo – a elfa disse aquela sentença bem lentamente, observando o semblante tomado pela perplexidade do guerreiro – Mas não teve coragem suficiente para confrontá-lo e veio até mim.

- O quê?! Espere... – Loel pareceu se aperceber do que acontecera – Eu não fiz a pergunta.

- Sim, as fez... Por duas vezes, tolo humano – a elfa ergueu suas mãos esqueléticas – Você deve pagar, agora, o preço do seu conhecimento.

- Mas, eu não fiz a pergunta... Eu não aceitei... – O horror estampou-se no rosto do guerreiro. Ele ergueu sua espada, como se fosse atacar a profetiza...

- Dagon – disse a elfa – o preço precisa ser cobrado novamente!

Dos fundos da gruta uma figura se materializou. Um vulto, uma sombra, meio humana, meio espírito, envolta por uma névoa cinzenta, ora densa, ora translúcida, envergando uma couraça completa gasta e semi-destruída e empunhando um enorme montante partiu em direção do cavaleiro. De seu elmo aberto, um par de olhos verdes brilhantes e uma face tomada de grande agonia e sofrimento fitavam, indiferentes, a vítima. Um som parecido com um horroroso lamento vinha do ser etéreo.

Loel gritou de terror e tentou acertar a criatura com sua espada. O golpe perdeu-se no vazio. O fantasma não podia ser ferido pela sua arma. Percebendo o acontecido, o outrora valoroso cavaleiro fugiu, tentando escapar de seu algoz.

Inútil. O amaldiçoado e atormentado espírito alcançou Loel e atirou-o, como por magia, de encontro às rochas da gruta. Seu escudo e espada foram jogados longe. Em meio aos gritos de agonia e pavor do guerreiro, a criatura findou o destino do cavaleiro com potentes golpes de sua arma.

O preço acabara de ser pago.

O fantasma se foi, desaparecendo nos fundos da gruta da mesma maneira como aparecera.

A elfa fitou a sombra desaparecendo e se perguntou, intimamente, até quando o castigo dos deuses repousariam sobre os ombros do sacerdote Dagon...

Ela, então, observou os restos mortais de Loel. Tolo humano. Uma vez que temia a morte não deveria ter aceitado o preço, nem ter vindo tratar sua covardia neste local. Agora se juntaria aos tantos outros que ali jaziam, frutos da curiosidade sem fim da mente humana.

Por fim, volveu seus olhos para o jovem aprendiz, que ficara ali, imóvel, encostado na parede, temendo ser notado. A expressão de vergonha havia sido substituída pela de pavor. A espada e o escudo de seu antigo senhor repousavam em suas mãos lívidas.

Eles não se moveram por um longo período, até que a elfa perguntou:

- E você, jovem Endris, deseja perguntar alguma coisa?

Ele não respondeu. Partiu, decidido, de volta para sua vila. Seria o arauto da morte de seu campeão.

O sangue do demônio de chifres escorre por sobre meus pés e sua cabeça rola pelas pedras da caverna. Seu corpo, estirado no chão sujo, ainda se move sem controle por mais alguns momentos e então para, sem vida.

Finalmente, a agonia e a matança acabaram. Sento-me, tomado de uma fraqueza imensa, mas, ao mesmo tempo de uma calma que não sentia há muito tempo. Observo o homem-touro por um longo período. O silêncio me faz pensar, neste momento previsto há dois anos, sobre os desígnios divinos. Será mesmo que meu destino estava traçado na profecia do oráculo de Plandis naquele fatídico dia? Eu estaria aqui se o cavaleiro Loel não tivesse decidido ir até aquele lugar? A minha covardia merecia ser recompensada desta maneira?

Não importa; nada mais importa. Que os deuses fiquem com as respostas, pois eu não quero sabê-las. Levanto-me e seguro a cabeça da besta pelos chifres e inicio a caminhada de volta para a vila. As pessoas não precisarão mais temer por seus maridos, esposas ou filhos. Meu retorno com a cabeça do demônio de chifres marcará um novo tempo na vida de todos.

Um novo herói surgiu para substituir o valoroso cavaleiro Loel, que entregou sua vida aos deuses para descobrir como matar a maldita criatura e ordenou que eu, seu aprendiz, fosse o novo cavaleiro e protetor do povo, conferindo-me suas armas, seus deveres e direitos.

A mentira dói-me até hoje, mas não poderia ser de outra maneira. Jamais seria aceito novamente na vila se a verdade viesse à tona. Talvez até fosse morto por causa de minha covardia. Mas, nestes dias, eu não estou mais preocupado com isto. Eu vivo em Abadom, um lugar amaldiçoado, esquecido pelos deuses, em que as trevas parecem dominar e onde as virtudes parece que foram deturpadas.